

CENTRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ

BRENDA AMANDA BORGES

OLGA BENÁRIO: A PROTAGONISTA DA SUA PRÓPRIA HISTÓRIA

RIBEIRÃO PRETO

2024

BRENDA AMANDA BORGES

OLGA BENÁRIO: A PROTAGONISTA DA SUA PRÓPRIA HISTÓRIA

Trabalho de conclusão de curso de pós-graduação
em História, Cultura e Sociedade, do Centro
Universitário Barão de Mauá para obtenção do
título de especialização.

Orientador: Me. Rodrigo de Andrade Calsani

RIBEIRÃO PRETO

2024

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

B732o

Borges, Brenda Amanda

Olga Benário: a protagonista da sua própria história/ Brenda Amanda Borges -
Ribeirão Preto, 2024.

56p.il

Trabalho de conclusão do curso de Pós-Graduação em História, Cultura e
Sociedade do Centro Universitário Barão de Mauá

Orientador: Me. Rodrigo de Andrade Calsani

1. Olga 2. Prestes 3. Alemanha I. Calsani, Rodrigo de Andrade II. Título

CDU 329.15

Bibliotecária Responsável: Maria Gabriela F. Cobianchi CRB8 9914

BRENDA AMANDA BORGES

OLGA BENÁRIO: A PROTAGONISTA DA SUA PRÓPRIA HISTÓRIA

Trabalho de conclusão de curso de pós-graduação
em História, Cultura e Sociedade do Centro
Universitário Barão de Mauá para obtenção do
título de especialista.

Orientador: Me. Rodrigo de Andrade Calsani

Data de aprovação __/__/____

BANCA EXAMINADORA

Me. Rodrigo de Andrade Calsani
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

Dra. Nainôra de Freitas
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

Dr. Rafael Cardoso de Mello
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

RIBEIRÃO PRETO

2024

Dedico este trabalho à todas as fortes mulheres deste mundo, que lutam diariamente para que nossas vozes sejam sempre reconhecidas e jamais silenciadas.

“Todo mundo tem que viver uma grande paixão e uma possibilidade de revolução.”

Marilena Chauí

AGRADECIMENTO

Agradeço em especial aos meus pais que jamais deixaram com que eu desanimasse em toda minha vida acadêmica, ambos sendo sempre meus grandes suportes, principalmente nesses dois últimos anos, que mentalmente foram bem difíceis, porém consegui seguir em frente, apesar dos percalços dos caminhos.

Agradeço especialmente ao meu orientador Rodrigo Calsani, por ter tido toda a paciência do mundo na minha orientação, sempre me auxiliando em todas as dúvidas e questionamentos, para que esse trabalho fosse possível de ser finalizado da melhor forma possível.

E por fim, sou grata aos examinadores da banca que se propuseram a ler meu texto, e que de alguma forma, eu possa ter construído em tentar transmitir um pouco da minha admiração por uma mulher tão engrandecedora que tive a honra de poder estudar.

RESUMO

A seguinte pesquisa tem por objetivo trazer a história de Olga Benário de uma forma mais humanizada, e não apenas a “companheira de Prestes” como ficou conhecida no Brasil; a monografia terá como baliza temporal os anos de 1935 a 1942, utilizando de jornais e obras literárias que abordem em especial a prisão, deportação e morte de Olga Benário, podendo assim elaborar uma revisão bibliográfica para que se possa discutir a importância da alemã militante.

Olga não era apenas a mulher de Carlos Prestes, ela foi uma revolucionária judia e comunista que enfrentou governos totalitários, seja na Alemanha, ou no Brasil de Getúlio Vargas. Olga Benário, além de sua face mais conhecida - a de militante - também foi mãe, que lutou pela vida da sua filha até o último momento em que ela esteve e foi arrancada de seus braços. Em nenhum momento deixou de acreditar em sua libertação, mesmo vivenciando a guerra todos os dias de vida, e até mesmo enquanto caminhava em direção ao seu destino final, que para ela acabaria em uma câmara de gás. Porém, sua história permaneceria viva, seja por meio das lembranças de seus parentes e amigos, seja por meio das pesquisas acadêmicas.

Palavras-Chave: Comunista; Olga; Alemanha; Brasil; Prestes.

ABSTRACT

The following research aims to bring the story of Olga Benário in a more humanized way, and not just the “companion of Prestes” as she became known in Brazil; The monograph will cover the years 1935 to 1942, using newspapers and literary works that deal in particular with the arrest, deportation and death of Olga Benário, thus being able to prepare a bibliographical review so that the importance of the German female activist can be discussed.

Olga was not just the wife of Carlos Prestes, she was a Jewish revolutionary and communist who faced totalitarian governments, whether in Germany or in Brazil under Getúlio Vargas. Olga Benário, in addition to her best-known face - that of a militant - was also a mother, who fought for her daughter's life until the last moment when she was in her arms and was ripped from her arms. At no point did she stop believing in her liberation, even though she had experienced war every day of her life, and even as she walked towards her final destination, which for her would end in a gas chamber. However, her story would remain alive, whether through the memories of her relatives and friends, or through academic research.

Keywords: Communist; Olga; Germany; Brazil; Prestes.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fotografia retirada do Livro “Olga”	15
Figura 2 – Fotografia do meio eletrônico “História do Mundo”	16
Figura 3 – Documento retirado do Arquivo Nacional.....	17
Figura 4 – Charge Gazeta do Povo	20
Figura 5 – Recorte do jornal “O Globo” (2022)	22
Figura 6 – Recorte do jornal “A Pátria” (1937).....	26
Figura 7 – Charge do meio eletrônico “Imago História”	27
Figura 8 – Charge do meio eletrônico “Imago História”.....	28
Figura 9 – Fotografia do meio eletrônico “Memorial da Democracia”	29
Figura 10 – Charge do meio eletrônico “Imago História”.....	35
Figura 11 – Fotografia do meio eletrônico “ Memorial da Democracia”.....	36
Figura 12 – Fotografia do livro “Olga”	38
Figura 13 – Fotografia do meio eletrônico “Memorial da Democracia”	39
Figura 14 – Recorte do jornal “Correio de São Paulo” (1936).....	40
Figura 15 – Recorte do jornal “Correio da Manhã” (1936).....	41
Figura 16 – Trecho de carta retirada do livro “Olga”	43
Figura 17 – Recorte do jornal “Correio da Manhã” (1936).....	45
Figura 18 – Trecho de carta retirada do livro “Olga”	47
Figura 19 – Trecho de carta retirada do livro “Olga”	49

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. OLGA: UMA JOVEM COMUNISTA JUDIA	14
2.1 BREVE PANORAMA DO SÉCULO XX	18
2.2 O FASCISMO DE BENITO MUSSOLINI	20
2.3 A ALEMANHA NAS MÃOS DE ADOLF HITLER	22
3. GETÚLIO VARGAS – GOLPISTA OU REVOLUCIONÁRIO?	26
3.1 A CONSTRUÇÃO DE UM MITO	26
3.2 GETÚLIO VARGAS E CARLOS PRESTES, DOIS VELHOS CONHECIDOS	28
3.3 OLGA E PRESTES CONTRA O TEMPO	32
3.4 A FUGA DE PRESTES E OLGA CHEGA AO FIM	36
4. QUEM ERA OLGA BENÁRIO PARA OS BRASILEIROS?	40
4.1 A EXTRADIÇÃO DE OLGA PARA A ALEMANHA	45
4.2 OS ÚLTIMOS DIAS DE OLGA	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
FONTES JORNALÍSTICAS	55
REFERÊNCIAS	55

1 INTRODUÇÃO

Dissertar sobre qualquer tema que leve de fato a um viés ideológico sempre se encontra em uma linha tênue da cegueira, entre ser a favor ou defender qualquer atitude em nome dos seus ideias, crenças e moralismos, ou até mesmo expandir um maior campo de reflexão e críticas. A pesquisa em questão tem essencialmente o objetivo de abordar justamente a luta de Olga Benário, em um contexto que vai muito além de ser comunista ou fascista, de ser mais liberal ou tradicional.

Possivelmente, pelo senso comum, muitos conhecem a história de Olga ou até possuem uma vaga ideia de quem ela foi, mas acabam quase que - em sua maioria - a associando apenas a seu marido, o brasileiro Luís Carlos Prestes, fato esse que precisa sim ser levado em consideração, entretanto, sua história é muito maior do que apenas resumi-la a ele. O trabalho trás justamente essa problemática, descobrir quem era Olga Benário, não apenas pela associação a Carlos Prestes, mas sim sobre o ideal da sua luta, e porque a mesma lutava e defendia seus ideais. O papel de Olga não deve ser resumido apenas ao seu marido, sendo assim podemos fazer mais uma crítica: a falta de informações ou até mesmo a falta de fontes bibliográficas a respeito da alemã. Olga foi uma mulher alemã, judia, comunista e também mãe, e por isso, precisamos analisar todas as suas facetas.

É importante reconhecer a luta de Olga frente a governos que perpetuaram/perpetuam genocídios e crenças radicais, com algumas especificidades, até os dias de hoje. Peter Burke já nos dizia que precisamos reconhecer nossos erros do passado para não os cometer no futuro; será que realmente aprendemos com nossos erros? Desse modo, a presente monografia pretende traçar a trajetória de Olga partindo de suas principais biografias na atualidade, juntamente com autores especialistas em governos totalitários como Hannah Arendt e Eric Hobsbawm para que assim possamos entender a vida e luta de uma jovem comunista, que se viu a enfrentar dois governos autoritários: Hitler e Vargas.

Para a realização da presente monografia, a metodologia utilizada acabou por ser o processo de revisão bibliográfica, referente as obras de Moraes e Anita, (juntamente com Arendt e Hobsbawm) com o intuito de estabelecer um entendimento amplo sobre a história da alemã, associando posteriormente a pesquisas documentais, dentre elas as cartas escritas por Olga, utilizando-se também jornais da época, em especial dos anos de 1936 e 1937, os quais exploravam a história desde sua prisão até as movimentações promovidas pela polícia de Vargas pela sua identificação e por consequência sua deportação.

O objetivo do trabalho é retirar Olga Benário do papel secundário¹ dentro da história, descrevendo sua própria jornada utilizando-se da revisão bibliográfica de livros e artigos; discorrer sobre o amplo debate da convivência do governo brasileiro, em especial de Getúlio Vargas sobre a deportação ilegal da alemã; e também explorar as cartas escritas pela comunista, utilizando-se também em especial de jornais da época que exploravam sua história desde sua prisão até as

¹ Retirar das sombras de Carlos Prestes.

movimentações promovidas em torno da sua deportação.

A pesquisa é composta por três capítulos. O primeiro capítulo aborda o contexto de vida de Olga, desde seu início na militância ainda enquanto residia na Alemanha, suas primeiras movimentações em prol do partido comunista alemão, a fuga para a União Soviética, onde iria aprofundar seus estudos marxistas, até o momento em que é recrutada pela própria Komintern para que escoltasse pessoalmente Luís Carlos Prestes, de volta ao Brasil; além da vida da própria comunista.

Olga Gutman Benário, nascida em Munique, na Alemanha, no dia 12 de fevereiro de 1908, pertencente a uma família judia, era filha de Leo Benário, um dos juristas mais respeitados da Alemanha, e Eugénie Gutmann Benario, uma elegante dama da sociedade, esta não apoiava as atividades comunistas da filha. O contato de Olga com grupos comunistas começou quando ela completou 15 anos, após sua entrada no Grupo Schwabing; o grupo do qual Olga fazia parte, era composto por jovens, homens e mulheres, com menos de 18 anos que eram ligados ao partido comunista alemão. Segundo Fernando Moraes (2022), Olga após ter mais uma prisão decretada por participar de manifestações contra o governo, muda-se para Berlim juntamente com seu namorado, o professor Otto Braun, que mais tarde viria a ser preso e, posteriormente, solto graças as atividades de Olga para libertá-lo. A atuação de Olga, nesse período na Alemanha, consistia na luta contra o crescimento de governos de extrema-direita, em especial o nazismo. Olga acabou sendo tida como traidora da pátria por arquitetar a fuga de Otto e acabou se mudando para Moscou, na antiga União Soviética, onde aperfeiçoou seus conhecimentos sobre os ideais do marxismo e recebeu também treinamento militar. Em 1934, ela recebeu da Internacional Comunista a missão de ser responsável pela segurança de Luís Carlos Prestes no retorno ao Brasil.

O segundo capítulo tem o objetivo de traçar um panorama global do mundo naquele momento; começando inicialmente pelo cenário político que Olga estava prestes a conhecer; o governo autoritário de Getúlio Vargas, um dos maiores inimigos de Carlos Prestes. Por consequência, descrever toda a trajetória do casal em prol de instaurar a revolução comunista no país, até suas prisões em 1936, por Filinto Muller.

Assim, a partir de seus conhecimentos e experiências, planejou uma viagem longa ao Brasil sem deixar qualquer tipo de rastros, visto que Prestes retornava ao Brasil em total sigilo, e assim como Olga na Alemanha, Prestes também ele era tido como um traidor do governo brasileiro. Olga ainda na União Soviética como Olga Sinek (Moraes, 2022) e, durante a viagem, passou-se por esposa de Prestes para que não levantassem qualquer tipo de suspeitas.

Uma vez no Brasil, durante o período de Vargas (1930-1945), Prestes organizou a Intentona Comunista em novembro de 1935: “[...] é importante ressaltar que, entre os anos de 1935 e 1937, o governo Vargas atuou em um clima de autoritarismo que, poucos anos depois, se desencadeou em uma ditadura: o Estado Novo implantado em 10 de novembro de 1937” (Domingos; Francisco; Silva, p. 326).

Nesse movimento, levantes com tendências esquerdistas ocorreram em três cidades brasileiras, sendo estas Natal, Recife e Rio de Janeiro, porém esses atos acabaram por fracassar, e Prestes, sendo o líder, foi preso junto de Olga, em março de 1936. Vários outros colegas de Prestes que estavam envolvidos no movimento também foram presos, muitos sendo torturados pela polícia por qualquer informação referente a esses motins.

E por fim o terceiro e último capítulo, para assim finalizar o trabalho, trata sobre os últimos dias de Olga no Brasil, e o trabalho da polícia por sua identificação e, por consequência, sua deportação para a Alemanha. Nos inquéritos, Olga recusou-se a cooperar e ceder a qualquer tipo de informação ao governo, que decidiu deportá-la de volta para a Alemanha. Durante sua prisão, Olga anunciou sua gravidez, porém, mesmo assim, o governo permaneceu com a decisão de deportação, mesmo sendo ilegal. Olga é mais uma mulher presente em nossa história que possui um passado e uma memória que devem ser sempre lembrados e jamais esquecidos, ela enfrentou ditadores em prol da sobrevivência da sua filha e por um mundo mais justo.

2 OLGA: UMA JOVEM COMUNISTA JUDIA

“Mitos” e “heróis” moldaram a História do mundo, propagados, principalmente, pelo Positivismo² do século XIX. O objetivo dos pensadores daquele período era formar nações obedientes com uma ciência evoluída, na qual trouxesse o progresso, o desenvolvimento e também, a alienação. Por outro lado, sabe-se que os protagonistas da História são atores sociais, que ao seu modo, influenciaram sociedades em vários períodos históricos. Sendo assim, como falarmos de alguém tão importante na História, e, ao mesmo tempo, esquecida por parte da população?

Olga Benário, alemã, militante desde a adolescência do Partido Comunista, fora preparada para a dura luta que deveria marcar a expansão internacional socialista (Pereira, 2003, p. 14). Como se referir, então, a Olga? Em uma esfera política, como sendo uma judia, militante, comunista, uma mulher que lutava contra cenários de desigualdades, perseguições e guerras? Ou em uma esfera pessoal, humana, sobre uma mãe, enviada a um campo de concentração para um único destino, a morte, com um bebê em seu ventre?

Olga Gutmann Benário (Figura 1) nasceu em 12 de fevereiro de 1908, na cidade de Munique, na Alemanha; vinha de uma família rica alemã, filha de Leo Benário, um famoso advogado judeu social-democrata, que passou a maior parte da sua vida ajudando as pessoas mais carentes; a mãe de Olga, a socialite Eugenie Guttman Benário, frequentava a alta sociedade alemã da época, ambos pertencentes a famílias judias (Prestes, 2017). O pai de Olga, se dedicava à causas trabalhistas dos operários atingidos pela crise que se instalou no país, principalmente em decorrência da primeira grande guerra de 1914 e a quebra da bolsa em 1929.

² Linha teórica da sociologia criada por Auguste Comte no século XIX, que considera a ciência como único caminho para o conhecimento verdadeiro.

Figura 1 - Olga Benário aos 16 anos, Munique, Alemanha



Fonte: Bibliografia de Olga de Fernando Morais, 2022, p. 65

Ao falar do pai, Olga nunca escondia o carinho que sentia por ele. Era, sim, um burguês social-democrata, mas diferenciado, ao dr. Benário recorriam invariavelmente os trabalhadores que pretendiam fazer demandas judiciais contra os patrões e que não tinham dinheiro para pagar advogados. Com Leo Benário, pagava quem pudesse. Para os que nada podiam pagar, trabalhava de graça. “E com mais afinco”, costumava lembrar Olga (Morais, 2022, p. 32).

Segundo Fernando Morais, o interesse de Olga pelos ideais comunistas se deu início quando completou 15 anos, ingressando inicialmente no Grupo Schwabing³, vertente do partido comunista; era uma organização formada por jovens alemães ligados à Juventude Comunista da época, Olga desde o início mostrava o quanto queria ser engajada na causa por quem lutava: “Já na primeira tarefa que lhe deram, naquele verão de 1923, ela mostrou aos garotos do Schwabing que não estavam diante de uma burguesinha entediada [...]” (Morais, 2022, p. 33).

Tenho ambição de fazer tudo o que os homens fazem. O meu maior desejo é voltar a Alemanha para lutar contra os nazistas. Parece-me terrível doença de ordem social moribunda. Não posso conceber a ideia de um ataque a União Soviética. Se a Alemanha de Hitler começar a guerra, lutarei contra meu próprio país. Disso eu tenha plena certeza (Pereira, p. 22, 2003).

³ Organização clandestina de jovens comunistas.

Segundo Ruth Werner (1989, p. 64), Olga, logo após sua mudança para Berlim, acabou tornou-se secretária de Agitação e Propaganda no bairro de Neukolln, em Berlim e, assim, transformou-se em uma das principais figuras do Partido Comunista, o que acarretaria em diversas funções, dentro e fora do partido.

Figura 2 - Moabit, Berlim, prisão onde Olga planejou a fuga de Otto



Fonte: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/vida-olga-benario-prestes.htm>

Olga e Otto se dedicavam ao enfrentamento nas ruas alemãs contra as milícias direitistas; ambos seriam presos em 1926 sob a acusação de "alta traição à pátria", por promoverem agitações contra a República de Weimar⁴. Olga foi interrogada para que fornecesse informações sobre Otto Braun; assim permaneceu presa até dezembro de 1926. Otto foi acusado de alta traição à pátria - uma acusação grave, visto que o país se encontrava em um verdadeiro barril de pólvora. Olga recebeu ordens do Partido Comunista para que planejasse a fuga⁵ de Otto e de outros presos políticos em Berlim. O ataque à prisão de Moabit aconteceu em abril de 1928 (Figura 2), fazendo de Olga uma das maiores inimigas do Estado alemão com recompensas para quem a capturasse, viva ou morta. Após a fuga planejada por Otto Braun, Olga foge para a União Soviética por meio da utilização de documentos falsos para que não fosse descoberta; em Moscou, Olga foi extremamente elogiada pela sua formação marxista e por seus ideais

Nos períodos em Moscou, passou por formação militar e procurou aprofundar seus conhecimentos de teoria marxista-leninista. Era uma comunista convicta, disposta a fazer qualquer sacrifício na luta pela revolução mundial. No plano afetivo, terminara seu relacionamento com Otto Braun (Prestes, 2017, p. 18).

⁴ Período da história na Alemanha, sendo o momento de transição entre a Primeira Guerra Mundial e o Nazismo, de 1918 a 1933.

⁵ Atravessaram a fronteira da Alemanha com a Polônia em direção a URSS, visto que em território alemão ambos estavam sendo caçados.

Olga tinha a pretensão de retornar a Alemanha, mas em 1934 ela recebeu da Internacional Comunista⁶ a missão de ser responsável pela segurança do militante Luís Carlos Prestes⁷ (Prestes, 2017) durante seu regresso ao Brasil, seu país natal.

Assim, a partir de seus conhecimentos e experiência, Olga planejou uma viagem longa ao Brasil de forma a não deixar rastros, visto que Prestes retornava ao país em segredo, pois o mesmo era tido como um traidor do governo, assim como Olga na Alemanha. Benário era conhecida como Olga Sinek, e, durante a viagem, passou-se por esposa de Prestes (Figura 3). Para que não descobrisse sua verdadeira identidade. Prestes com o passaporte em nome de Antônio Villar e ela, como sua mulher, Maria Bergner Villar; “O comerciante Antônio Vilar era um homem rico e saía da França em lua de mel com sua esposa Maria” (Morais, 2022, p. 68).

Figura 3 - Passaporte de Olga e Carlos Prestes com destino ao Brasil



Fonte: Arquivo Nacional

Durante a viagem para o Brasil, Olga e Prestes navegaram por diversas partes do mundo usando documentos falsos, para assim chegarem em segurança ao Brasil se qualquer intromissão do governo, e durante esse processo, Prestes e Olga acabaram por se apaixonar de fato. Uma vez no Brasil, durante o período de Vargas (1930-1945), Prestes organizou a Intentona Comunista⁸ em novembro de 1935.

É importante ressaltar que, entre os anos de 1935 e 1937, o governo Vargas atuou em um clima de autoritarismo que, poucos anos depois, se desencadeou em uma ditadura: o

⁶ A Internacional Comunista (*Comintern* ou *Komintern*, do alemão *Kommunistische Internationale*) foi iniciada em março de 1919. Foi uma organização criada para unir os partidos comunistas e promover uma revolução global, após 1917.

⁷ Foi um importante político, militar e líder revolucionário no Brasil. Liderou a conhecida Coluna Prestes, comandando o Partido Comunista Brasileiro por mais de 50 anos.

⁸ Foi um levante armado organizado pelos comunistas, liderado por Prestes em 1935, com o objetivo de derrubar Getúlio Vargas do poder.

Nesse movimento, levantes - com tendências esquerdistas - ocorreram em três cidades brasileiras: Natal, Recife e Rio de Janeiro. Tais atos, acabaram por fracassar, Prestes e Olga foram presos, em março de 1936, por Filinto Müller⁹. Vários outros colegas de Prestes e Olga que estavam envolvidos no movimento também foram presos, como Elizabeth Saborowski Ewert e Harry Berger, codinome de Arthur Ernest Ewert, ex-deputado pelo Partido Comunista da Alemanha. Elizabeth seria enviada aos campos de concentração na Alemanha junto com Olga, e seu marido Arthur seria torturado de inúmeras formas possíveis, chegando ao seu momento de loucura.

2.1 BREVE PANORAMA DO SÉCULO XX

Para entender melhor as motivações políticas de Olga Benário e seus objetivos frente ao embate travado a governos extremistas, faz-se necessário entender de fato como se deu a ascensão desses governos totalitários na Europa, após o fim da Primeira Guerra Mundial, principalmente nos países que saíram derrotados do conflito (Tríplice Aliança), em especial Alemanha e Itália.

Tais governos foram responsáveis por limitar direitos civis, sociais e políticos de seus cidadãos, além de perseguições e mortes motivadas por disputadas políticas e raciais. O totalitarismo consiste em uma forma de governo, onde há a proibição de partidos de oposição (rejeitavam o Socialismo), ou seja, o governo tem apenas um partido (o que está vigente). Nacionalistas ao extremo, o totalitarismo¹⁰ (em especial os da extrema-direita) ainda restringe a oposição individual ao Estado por meio do uso da censura, além de um domínio absoluto total de uma única pessoa ou de um único partido sobre a nação, podemos citar assim o nazismo alemão de Hitler e o fascismo italiano de Mussolini. Pode-se entender também o totalitarismo como sendo não democrático, no qual o executivo, o legislativo e o judiciário estão centralizados nas mãos de grupos minoritários extremistas. “Depois da Primeira Guerra Mundial, uma onda antidemocrática e pró-ditatorial de movimentos totalitários varreu a Europa” (Arendt, 2013, p. 358).

Uma das características presentes em governos militares era o poderio do militarismo dentro dos territórios, o que seria um grande de extrema importância para a eclosão da continuação da Grande Guerra; os próprios governantes utilizavam da atual situação caótica¹¹ para promover o medo e assim controlar as massas; a própria propaganda política era usada de maneira consistente para que a população fosse convencida das medidas extremas tomadas por esses governantes.

A amargura da maior parte dos soldados e oficiais alemães com a derrota se intensificou com o fato de que até julho de 1918 os seus exércitos haviam sido imbatíveis, e isto fez o colapso súbito em casa parecer ainda mais inexplicável e sinistro (Beevor, 2015, p. 15).

⁹ Militar e político brasileiro, destacou-se por seu cargo de policial político, promovendo prisões arbitrárias e torturas.

¹⁰ Nesse trecho abordamos, em específico, governos da extrema-direita, o que não quer dizer que governos esquerdistas não estivessem envolvidos em atos antidemocráticos.

¹¹ Itália e França estavam sofrendo as consequências da Primeira Guerra.

É importante ressaltar que essa doutrinação ocorreu devido à situação em que a população se encontrava naquele contexto histórico (após a Primeira Guerra Mundial), derrotados no conflito, a Itália ficou sufocada em dívidas com prejuízos econômicos decorrentes da guerra; com a Alemanha não foi diferente, entretanto acabou sendo totalmente responsabilizada por toda o conflito, sendo forçada a assinar o Tratado de Versalhes¹², no qual colocava em cheque toda a sua culpabilidade frente ao conflito armado entre 1914 e 1918.

[...] Impôs-se à Alemanha uma paz punitiva, justificada pelo argumento que o Estado era o único responsável pela guerra e todas as suas consequências (a cláusula da ‘culpa da guerra’), para mantê-la permanentemente enfraquecida. [...] não é necessário entrar em detalhes da história do entre guerras para ver que o acordo de Versalhes não podia ser a base de uma paz estável. [...] qualquer pequena chance que tivesse a paz foi torpedeada pela recusa das potências vitoriosas a reintegrar as vencidas. [...] talvez a guerra seguinte pudesse ser evitada, ou pelo menos adiada, se houvesse restaurado a economia pré-guerra como um sistema global de prósperos crescimento e expansão econômicos [...] (Hobsbawm, 1995 p. 41-43).

A Alemanha, além de ser responsabilizada por todo o confronto, teve o seu exército reduzido, suas armas bélicas recolhidas, devolução de terras conquistadas durante a guerra (Alsácia-Lorena), além do próprio sentimento de revanchismo contra todos aqueles que a culpavam pelo conflito. Assim, a doutrinação sobre a população acabou tendo efeito para que estes apoiassem o governo, já que estes inflamavam a população com discursos fervorosos e nacionalistas, com a promessa de recuperar a economia, ainda mais fragilizada por conta da queda da bolsa de 1929. As propagandas tiveram um papel fundamental no processo de doutrinação: “as massas têm de ser conquistadas por meio da propaganda” (Arendt, 2013).

Nos países totalitários, a propaganda e o terror parecem ser duas faces da mesma moeda.¹ Isso, porém, só é verdadeiro em parte. Quando o totalitarismo detém o controle absoluto, substitui a propaganda pela doutrinação e emprega a violência não mais para assustar o povo (o que só é feito nos estágios iniciais, quando ainda existe a oposição política), mas para dar realidade às suas doutrinas ideológicas e às suas mentiras utilitárias (Arendt, 2013, p.303).

O surgimento/ascensão de regimes totalitários fora reflexo das consequências da Grande Guerra, assim esses governos começaram a ganhar força e passaram a ser vistos como soluções para as crises que o mundo enfrentava no pós-guerra, conseguindo assim apoio de suas populações. É importante ressaltar que nesse momento, os ditadores da época, como Mussolini e Adolf Hitler, se utilizavam de discursos e oratórias para convencerem a massa de que eram a melhor solução para o momento em que os países estavam vivendo, além de propagandas que enalteciam seus respectivos governos (Figura 4).

¹² Acordo firmado em 1919, entre as nações vencedoras da guerra. Com ele, os países reorganizaram o mapa-múndi de acordo com os próprios interesses e aplicaram multas e sanções nos povos que saíram derrotados do embate, em especial Alemanha.

Figura 4 - Propagandas nazifascistas das décadas de 1930 e 1940.



Fonte: Gazeta do povo

Problema com os regimes totalitários não é que eles joguem a política do poder de um modo especialmente cruel, mas que atrás de suas políticas esconde-se um conflito de poder inteiramente novo e sem precedentes, assim como atrás de sua Realpolitik¹³ jaz um conceito de realidade inteiramente novo e sem precedentes (Arendt, 2013, p. 467).

As democracias até então vigentes, acabaram entrando em descrédito com a população, setores mais conservadores afirmavam que os partidos políticos, eleições e o voto direto eram os motivos para o conflito e deflagração da crise econômica vivida por eles. É neste momento que figuras políticas presentes no governo, começaram a defender o fim da democracia liberal e a implantação de um sistema onde uma única pessoa estaria centralizando todo poder; com a situação econômica e política vivida pelos países derrotados na Grande Guerra, as ideias totalitárias acabam ganhando mais adeptos e, conseqüentemente, mais aprovação.

2.2 O FASCISMO DE BENITO MUSSOLINI

Segundo, Hobsbawm, após o fim da Primeira Guerra em meados de 1918, a Europa se encontrava em pleno colapso, seja social ou econômico; territórios devastados, economia em frangalhos, um cenário caótico, mas ao mesmo tempo “ideal” para o surgimento de discursos extremistas, alimentando assim o sentimento de revanchismo, principalmente em relação a Itália e principalmente Alemanha.

O fascismo italiano foi uma ideologia de extrema direita, que defendia posições políticas conservadoras e tradicionais, nacionalismo exacerbado e radicais, que viam na violência uma forma de alcançar e sustentar seu poder ideológico. O fascismo acabou surgindo na Itália em

¹³ Significa manutenção da segurança do Estado em um ambiente hostil.

1919, liderado pelo militar Benito Mussolini¹⁴, o qual ficou no poder entre os anos de 1922 e 1943. Com a derrota do Eixo em 1945, todos os fascistas foram retirados do poder.

Podemos dizer que Gramsci interpretou o fascismo em sua relação com a fraqueza das classes dirigentes e com os limites da unificação política e modernização econômica que marcaram a história da Itália. Assim é que para Gramsci o fascismo é um fenômeno historicamente determinado (Fresu, 2019 p. 11).

O fascismo deriva do termo *fascio*¹⁵ (“feixe de varas”), nome de grupos políticos ou de militância que surgiram na Itália entre o final do século XIX e começo do século XX. A elite fascista italiana estava com grande insatisfação pelo cenário caótico, e, por isso, passaram a apoiar a atuação das *squadre d’azione*¹⁶, também conhecidos como camisas negras¹⁷, devido ao uniforme que utilizavam (Vicentino; Dorigo, 2012). Os fascistas tinham como objetivo ascender ao poder através das eleições, mas defendiam a ideia de que, se fosse preciso utilizar a força para alcançar seus objetivos, ela seria utilizada de qualquer forma, o que aconteceu com os camisas negras.

Robert Paxton (2017) afirma que o fascismo um movimento de massa contra a esquerda. Além do apoio dos grandes latifundiários e dos mercados e dirigentes internacionais (BRITO, SILVA, SOUSA, 2019), é fato que sem a participação política dos cidadãos comuns, o fascismo não teria se consolidado, é nesse momento que os discursos de líderes como Mussolini (e Hitler na Alemanha) iriam agir sobre a população.

Benito Mussolini era conhecido como *Duce* (o líder), o qual influenciava a população italiana com seus “cativantes discursos”, principalmente em um momento onde todo o país se encontrava em um barril de pólvora, com sentimentos de ódio e vingança¹⁸.

Mas nós não fazemos da violência uma escola, um sistema ou pior ainda uma estética. Somos violentos todas as vezes em que é necessário sê-lo. Mas vos digo que temos que conservar a violência necessária do fascismo dentro de uma linha, um estilo nitidamente aristocrático ou, se melhor lhe agradem, nitidamente cirúrgico (MUSSOLINI, 1921)¹⁹.

Em 1922 ocorreu o principal e determinante movimento fascista em prol da ascensão de Mussolini ao poder italiano, a Marcha sobre Roma (Figura 5).

¹⁴ Primeiro-ministro da Itália em 1922, *Benito Mussolini* (1883-1945) foi o líder do Partido Fascista que dominou a Itália entre 1922 e 1943.

¹⁵ Os *fascas*, no tempo do Império Romano eram um símbolo dos magistrados: o machado simbolizava o poder do Estado e a unidade do povo.

¹⁶ Comandos de ação.

¹⁷ Milícias armadas dentro do partido fascista.

¹⁸ A Itália saiu “vitoriosa” da Primeira Guerra Mundial, pois havia mudado de lado durante o conflito, entrando em acordo com a Trílice Entente. Entretanto, não recebeu o que lhe foi prometido, por isso o sentimento de vingança.

¹⁹ Discursos de Benito Mussolini: Permanências e Mudanças (1919-1922), Giuseppe Rafael Caron.

Figura 5 - Marcha sobre Roma

Fonte: Jornal O Globo, 2022.

A Marcha sobre Roma é conhecida como sendo um movimento realizado pelos simpatizantes do fascismo, no dia 28 de outubro de 1922. Foi durante essa marcha, que se decretou de fato a ascensão de Benito Mussolini, líder do fascismo, ao cargo de primeiro-ministro italiano. A ascensão de Mussolini representaria, posteriormente, a implantação de uma ditadura totalitária, que tornaria a Itália até o fim da Segunda Guerra Mundial, um governo marcado pelo terror, perseguição e torturas contra aqueles que se opunham ao líder do país. Seria apenas em 1925, que Mussolini ficaria em definitivo no poder, após se autoproclamar ditador da Itália e impondo assim tal qual Hitler posteriormente um governo totalitário.

2.4 ALEMANHA NAS MÃOS DE ADOLF HITLER

Falar, estudar e pesquisar a respeito do nazismo, sempre, sem exceção, acaba por se tornar uma pauta de extrema complexidade, sensibilidade e, muitas vezes, sangue frio. Assim como a Itália de Mussolini, a Alemanha beirava ao colapso econômico e social decorrente da Grande Guerra, pois os alemães foram considerados os culpados pelo conflito global, portanto foram obrigados a assinar uma série de medidas reunidas no Tratado de Versalhes (1919).

Segundo o historiador Otávio Spinace (2022), apesar de ser um acordo que tinha como objetivo resolver os conflitos que motivaram a guerra, o Tratado de Versalhes impôs severas punições e consequências à Alemanha, o que iria resultar em uma séria crise econômica, política e social no país. Com isso, abriu caminho para a ascensão do nazismo na década de 1930. Além da responsabilidade da guerra ser posta sobre a Alemanha, ainda haviam outras cláusulas no documento: a região da Alsácia-Lorena, que estava sob domínio alemão, deveria ser reintegrada a França; redução do exército alemão; os germânicos deveriam devolver todos os territórios

conquistados na guerra, além de pagar aos países vencedores altas taxas de indenização.

Assim como a população italiana, os alemães se sentiram humilhados, com um sentimento de revanchismo e vingança cada vez mais latentes; momento “propício” para os ideais nacionalistas inflamados por Adolf Hitler, através de seus discursos e promessas de levar novamente a Alemanha a prosperidade global.

O senso de ultraje e incredulidade que varreu as classes média e alta alemãs como uma onda de choque foi quase geral e teve impacto maciço também sobre muitos operários apoiadores do social-democrata moderado. [...] A maioria dos alemães sentiu de repente que o país havia sido brutalmente expulso da categoria das grandes potências e coberto com o que consideravam uma vergonha indevida. O Tratado de Versalhes foi condenado como uma paz ditada, imposta de forma unilateral sem possibilidade de negociação (Evans, 2016, p. 108).

Segundo o historiador Fillipe Alves (2008), o surgimento do Partido Nazista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP – Nationalsozialistische Deutsche Arbeiter Partei) foi um marco decisivo para a caminhada da Alemanha rumo ao Terceiro Reich²⁰, no qual o governo durou de 1933 a 1945, sob o comando de Adolf Hitler. Os nazistas iriam assumir o poder em 1933, iniciando assim a construção de um governo totalitário, baseado no terror. Arendt aborda a questão da utilização do terror a respeito de governos ditatoriais.

O terror toma-se total quando independe de toda oposição; reina supremo quando ninguém mais lhe barra o caminho. Se a legalidade é a essência do governo não-tirânico e a ilegalidade é a essência da tirania, então o terror é a essência do domínio totalitário (Arendt, 2013, p. 517).

Arendt (2013) aborda as principais características presentes no facismo italiano com a doutrina nazifascistas, como o nacionalismo exacerbado, totalitarismo, autoritarismo, militarismo e o anticomunismo, entretanto a maior diferença entre ambos se mostraria com o antissemitismo, provavelmente o momento da história em que as pessoas mais lutam para esquecer.

O antissemitismo se referia a perseguição sofrida pelos judeus no governo de Adolf Hitler, na qual era “justificada” pela ideia de que durante a Primeira Grande Guerra, a Alemanha havia sido traída por judeus marxistas, tendo assim provocado a derrota alemã. Ainda existia por parte de Hitler a perseguição baseada na formação da raça ariana, na qual de acordo com teóricos nazistas, os alemães deveriam ser puros, sem qualquer tipo de laço com outra etnia (além de judeus, foram perseguidos negros, homossexuais, PCDs²¹ e ciganos. Quaisquer pessoas tidas como contrário ao governo nazista eram tidas como inimigas, uma vez que não apoiassem o regime nazista também sofriam perseguições.

Olga Benário além de ser perseguida por Hitler por ser comunista, viveu na pele o antissemitismo alemão da doutrina nazista; sendo filha de judeus, logicamente seria mais uma

²⁰ Um novo Império.

²¹ Pessoa com deficiência.

motivação do partido para uma perseguição contra ela . Inicialmente com leis que dificultavam a vida dos judeus, e posteriormente com a “política” de exclusão e perseguição até de fato chegarmos aos campos de concentração, tudo em prol de uma sociedade arianizada.

Hannah Arendt (2012) explica que o limiar do antissemitismo ideológico transposto em argumentos políticos se iniciou com os conflitos entre o Estado e a sociedade no contexto do século XIX, de modo que os judeus não se deram conta das circunstâncias que os atiraram para o turbilhão dos acontecimentos do século XX. (Santos, 2021, p. 94)

De acordo com o Memorial do Holocausto²², para os nazistas, a assimilação de um membro de uma raça vinda de outra cultura ou outro grupo étnico era inaceitável, pois os traços originais herdados não poderiam ser modificados: eles seriam apenas degenerados pela miscigenação, assim justificando a busca incessante pelo arianismo de Hitler.

É de extrema importância ressaltar que todo esse contexto e imaginário nazista se sucedeu com a aprovação da população alemã. Essa sociedade queria alguém que fosse capaz de reerguer a Alemanha do pós-guerra e da crise de 1929. Em seus discursos, Hitler dizia as palavras que todo alemão gostaria de ouvir: que a Alemanha voltaria a ser grande. Todavia, a competência de Hitler não se limitava apenas a sua oratória, mas também com os meios de comunicação, principalmente as propagandas organizadas por Joseph Goebbels²³.

Para o homem comum que vivia na Alemanha no segundo semestre de 1944, seu país estava perdido. Era preciso buscar a paz. Para a liderança nazista acontecia exatamente o contrário. Pelo menos em alguns momentos, Goebbels, o todo-poderoso criador da propaganda moderna, tentara debelar essa mentalidade “derrotista”. A Alemanha tinha possibilidade de erguer-se novamente diziam os jornais. Tudo isso seria passageiro e o Führer tiraria a Alemanha do desastre. Era só ter fé e esperança e acima de tudo muita coragem e vontade de lutar contra os aliados (Pedro, 1987, p. 46).

Enquanto o mundo (Silva, 2009) tentava-se reerguer pós-guerra, e conseqüentemente da crise de 1929, a recuperação da economia alemã trouxe tranquilidade e condições melhores a sua população, com menos taxas de desemprego e melhores condições de vida. No entanto, em pouco tempo, Hitler, com um sentimento de desejo de dominação e ambição irreconhecível, transformaria a Alemanha em uma máquina de guerra, que seria responsável por espalhar o horror na Europa nos anos seguintes.

Hitler chegou ao poder na Alemanha em 1933 e num breve espaço de tempo promoveu políticas, coroadas de sucesso, para expandir a economia alemã e rearmar o país. Em poucos anos, o desenvolvimento industrial da Alemanha havia crescido de modo espetacular e o índice de desemprego que tinha chegado a aproximadamente 40%, atingiu o inacreditável índice de menos de 1%. Em pouco tempo, a Alemanha tornou-se o país mais poderoso da Europa e a política agressiva de Hitler veio logo depois (Bertonha, 2005, p.11).

Conforme nos alerta Hobsbawm (1995, p.50): “Essa mútua intransigência não exige explicação especial. Era de ambos os lados, uma guerra de religião, ou, em termos modernos, de ideologias. Foi também uma luta de vida ou morte para a maioria dos países envolvidos”. A

²² <https://www.ushmm.org/>

²³ Foi um político alemão e o Ministro da Propaganda na Alemanha Nazista, entre 1933 e 1945.

Segunda Guerra Mundial começaria em 1 de setembro de 1939, quando a Alemanha invadiu a Polônia. Assim, dois dias depois, Inglaterra e França reagiriam à ofensiva declarando guerra aos alemães. Hobsbawm (1995) discorreu sobre essa grande mancha na história da humanidade, a Segunda Guerra ficou marcada por perpetuar e prevalecer os interesses econômicos individuais, menosprezando a importância das vidas humanas; Olga é um grande exemplo do desprezo de vidas humanas perpetuado por governos totalitários, seja com o nazismo de Hitler que a enviaria de encontro a morte ou a negligência do governo brasileiro com sua deportação ilegal.

Com ideias revolucionárias aprendidas durante toda sua juventude na Alemanha, e, por conseguinte, na Antiga União Soviética, é nesse contexto histórico que Olga Benário teria seu nome edificado na história. Olga desafiou governos como Hitler e Getúlio Vargas, foi presa e expulsa do Brasil carregando um filho de Carlos Prestes e ainda assim, não se prostou mediante à triste realidade que se encontrava após sua deportação, tudo com o propósito e ideais baseados na liberdade que tanto acreditava.

3 GETÚLIO VARGAS - GOLPISTA OU REVOLUCIONÁRIO?

Dissertar sobre a vida e legado de Olga Benário é ter a necessidade de se aprofundar em uma história muito maior e complexa do que apenas a contada nos livros, é compreender o que de fato levou, o então, presidente da República, a dar aval para a deportação de uma judia para a sua provável sentença de morte. Seria por falta de humanidade? Aproximação política ao nazismo de Hitler? Tinha como objetivo atingir Carlos Prestes, o seu maior opositor em solo brasileiro? Ou devemos discutir de fato quem seria o responsável por tal extradição considerada ilegal e inconstitucional? Quem era Getúlio Vargas?

A imagem de Vargas, até os dias de hoje, causa discussões complexas e fervorosas. Há aqueles que o idolatram como um dos grandes nomes da história nacional, defendendo que o mesmo fez do Brasil um país grande e respeitado, há outros que o repudiam por este ter dado início a um período de censuras e violência, se concretizando, principalmente, durante o Estado Novo. Vargas, apesar de ser adorado, se encaminhava para um governo ditatorial, fato esse que não é de se surpreender, visto que o mesmo “flertava” com ideias extremistas, como o nazismo alemão e o fascismo italiano. Vargas utilizava da propaganda e atos discursivos para conseguir a aprovação e popularidade com a população (Figura 6).

Figura 6 - Getúlio Vargas em discurso na Implantação da Constituição do Estado Novo



Fonte: Jornal a Pátria, 10 de novembro, 1937.

<https://jornalapatria.wordpress.com/2017/11/10/falando-a-nacao-discurso-de-getulio-vargas-em-10-de-novembro-de-1937-ao-implantar-o-estado-novo/>

3.1 A CONSTRUÇÃO DE UM MITO

Odiado ou amado, Getúlio Vargas foi uma figura extremamente importante para a conjuntura da nossa história, governando o Brasil de 1930 a 1945, pondo fim a Primeira República (1889-1930) e os ideias oligárquicos da velha política do Café com Leite²⁴ (Figura 7) com a

²⁴ As oligarquias de São Paulo e Minas Gerais se revezavam no poder federal, cada qual com seus interesses políticos.

Revolução de 1930²⁵, considerados por muitos como um próprio mito.

Segundo a historiadora Samantha P. de Santana (2010, p. 81) “as representações do mito político apresentam-se como uma interpretação social dos eventos que os cercam, elas são construídas por ideologias e intenções de quem as produzem, pois, observando-as alcançamos seus discursos”. Tal definição do conceito de mito, encaixa-se perfeitamente na atual conjectura daquela época, Vargas, Mussolini e Hitler usavam de artifícios para conseguirem uma maior “simpatia” da população, como discursos fervorosos, propagandas políticas, medidas para que, de fato, conseguissem apoio para colocarem em prática seus ideais.

A Revolução de 1930 não foi feita por representantes de uma suposta nova classe social, fosse ela a classe média, fosse ela a burguesia industrial. A classe média deu lastro a Aliança Nacional Liberal, mas era por demais heterogênea e dependente das forças agrárias para que no plano político se formulasse um programa em seu nome (Fausto, 2015, p. 181).

Figura 7 - Política Café com Leite durante a Primeira República



Fonte: Imago História

https://imagohistoria.blogspot.com/2018/09/charges-historicas-republica-velha_60.html

A Revolução de 1930, promovida pela camada social que protestava contra um novo governo paulista, marcou de fato o início de Vargas no poder nacional, dando início assim ao Governo Provisório, até que novas eleições fossem realizadas. “Subindo ao poder em outubro de 1930, Getúlio Vargas nele permaneceu como chefe de Governo Provisório, presidente eleito pelo voto indireto e ditador pelo espaço de quinze anos” (Fausto, 2015, p. 185).

Dando-se conta que estava ameaçado frente ao cargo de presidente, por não ter criado uma nova Constituinte e seu desinteresse em convocar novas eleições (Schwarcz; Starling 2015), Vargas viria a impor diversas medidas para que o auxiliassem a permanecer no poder sem precisar requerer novas eleições no país: “as medidas centralizadoras do Governo Provisório surgiram desde cedo. Em novembro de 1930, ao dissolver o Congresso Nacional, Vargas assumiu não só o Poder Executivo como o Legislativo, os estaduais e os municipais” (Fausto, 2015, p. 186). Santana

²⁵ Movimento liderado por Getúlio Vargas contra o governo de Washington Luís para impedir a posse de Júlio Prestes, outro representante da oligarquia de São Paulo.

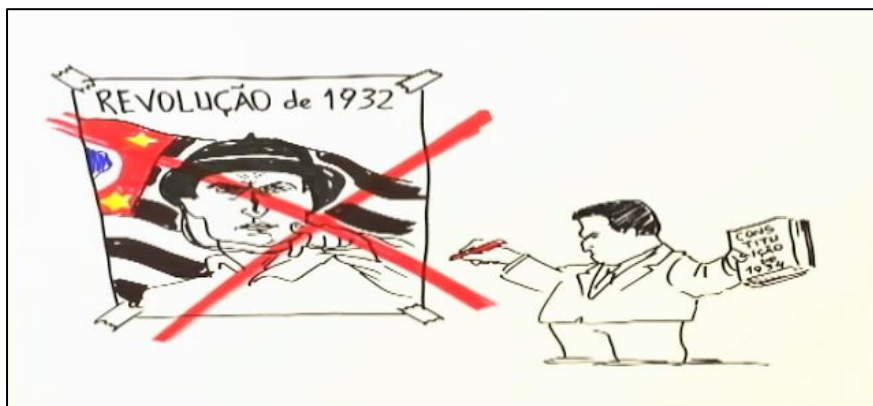
evidencia um ser político e doutrinador: “o mito político jamais deixa de enraizar-se em uma certa forma de realidade histórica” (Santana, 2010, p. 82).

Por outro lado, Vargas se mostrou completamente envolvido na industrialização do país, na criação de sindicatos e do Ministério do Trabalho, consolidação das Leis Trabalhistas e tudo o que envolvessem políticas trabalhistas, além do incentivo à educação.

Um assunto dominava a atenção de Getúlio: a política trabalhista. Foi nessa área que ele mostrou quem era e a que viera. Dividiu sua política em duas metades. Numa, criou as leis de proteção ao trabalhador – jornada de oito horas, regulação do trabalho da mulher e do menor, lei de férias, instituição da carteira de trabalho, e do direito a pensões e a aposentadoria. Na outra, reprimiu qualquer esforço de organização dos trabalhadores fora do controle do Estado - sufocou, com particular violência, a atuação dos comunistas (Schwarcz; Starling, 2015, p. 362).

Após a Revolução Constitucionalista de 1932 (Figura 8), na qual paulistas armados reivindicavam uma nova Constituição, o abrandamento do Governo Provisório de Vargas, além do respeito pelas leis brasileiras; mesmo após o movimento ser contido pelas forças armadas, tal levante não significou o fracasso completo da luta, pois nos anos seguintes, o presidente Vargas promulgou a Constituição de 1934 - um dos objetivos da Revolução de 1932 - e acabou sendo eleito indiretamente presidente do Brasil, estendendo seu governo até 1937, onde instauraria o Estado Novo, ápice do seu governo de ascensão econômica e autoritário.

Figura 8 - Charge da Revolução Constitucionalista de 1932



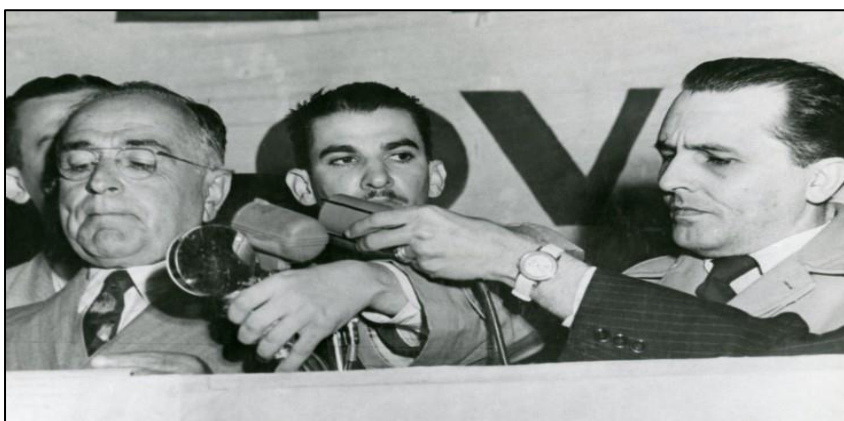
Fonte: Imago História

<https://imagohistoria.blogspot.com/2018/10/charges-historicas-era-vargas-revolucao.html>

3.2 GETÚLIO VARGAS E CARLOS PRESTES, DOIS VELHOS CONHECIDOS

Antes mesmo de Olga se colocar sob a vigilância do governo brasileiro, há décadas seu marido sofria com o embate entre Vargas e seu marido; assim como Getúlio Vargas foi um grande nome no cenário político brasileiro, o mesmo ocorreu com o comunista Luís Carlos Prestes, sendo um dos maiores opositores ao governo Varguista (Figura 9). A relação entre ambos se entrelaçou de uma forma única e complexa, principalmente quando Vargas autorizou a deportação de Olga Benário para a Alemanha de Hitler.

Figura 9 - Getúlio Vargas e Prestes dividem palanque



Fonte: Memorial da Democracia
<http://memorialdademocracia.com.br/card/prestes-e-getulio-dividem-palanque>

Segundo o historiador Daniel Aarão Reis (2014), Luís Carlos Prestes foi um dos grandes nomes da política brasileira, e o principal no que se diz respeito ao comunismo brasileiro, sendo o maior opositor do governo de Getúlio Vargas. Prestes era gaúcho, natural de Porto Alegre, nascido em 3 de janeiro de 1898, militar e político de prestígio, era filho do capitão de engenharia do Exército, Antônio Pereira Prestes e da professora Leocádia Felizardo Prestes. Aos cinco anos, mudou-se com a família para o Rio de Janeiro, onde viria a terminar seus estudos e entrar em contato com a corrente ideológica comunista.

Sendo criado apenas pela mãe após a morte de seu pai com apenas 38 anos, Prestes acabou se voltando ao exército, pois naquela época a vida militar propiciava aos soldados uma maior ascensão financeira, visto que sua família vinha de uma origem humilde. Ele não ficara por muito tempo na vida militar, visto que seus ideais frente a política do país eram divergentes, principalmente no momento em que circularam cartas falsas direcionadas ao candidato Artur Bernardes foram vinculadas ao exército, colocando a credibilidade do mesmo em risco, em pleno processo eleitoral (Fausto, 2015). Sedes do exército acabaram sendo fechadas pelo governo, o que posteriormente geraria revoltas entre os militares, culminando assim no Movimento Tenentista²⁶.

Foi no curso da disputa eleitoral que veio à tona a insatisfação militar. A impressão corrente nos meios do Exército de que a candidatura Bernardes era antimilitar ganhou dramaticidade com uma carta publicada no jornal Correio da Manhã, do Rio de Janeiro, em outubro de 1921. Aparentemente tratava-se de cartas – pois havia duas – enviadas por Bernardes a um líder político de Minas Gerais, contendo pesadas ofensas aos militares. As cartas falsas puseram lenha na fogueira. O objetivo de seus autores de indispor ainda mais as Forças Armadas contra a candidatura Bernardes tinha sido alcançado quando, pouco antes das eleições de 1 de março de 1922, dois falsários assumiram a autoria dos “documentos” (Fausto, 2015, p. 171).

Enquanto Olga estava na Alemanha, ainda em seus primeiros anos de militante no partido comunista, lutando ao lado de Otto Braun contra a ascensão de governos extremistas, o

²⁶ Prisão do Marechal Hermes da Fonseca, aumentando o clima de hostilidade entre Bernardes e as forças armadas.

Movimento Tenentista começara entre os anos de 1920 a 1935²⁷, organizados por militares, em sua maioria de baixas patentes, com o objetivo de derrubarem o governo de Artur Bernardes, que viria a personificar o ódio que os “tenentes” tinham da oligarquia dominante²⁸ (Fausto, 2015). O movimento tinha como objetivo assegurar seus ideais através de uma luta armada contra a Primeira República e Prestes esteve desde o início do levante, tendo destaque no motim que levaria seu nome conhecido como Coluna Prestes/Miguel Costa.

O presidente Artur Bernardes (1922-1926), originário de Minas Gerais, governou em meio a uma situação difícil, recorrendo a seguidas decretações do estado de sítio. Extremamente impopular nas áreas urbanas, especialmente no Rio de Janeiro, lançou-se a uma dura repressão para os padrões da época (Fausto, 2015, p. 176).

Segundo as historiadoras Lilia Schwarcz e Heloisa Starling (2015), os tenentistas queriam um governo central forte, capaz de intervir na economia para desenvolver os recursos naturais, promover a industrialização e proteger o país da exploração estrangeira. Também enxergavam no regionalismo e na corrupção a origem e os motivos do que havia de errado no Brasil. Ou seja, estavam dispostos a destruir as oligarquias que estavam no poder para reduzirem assim as profundas desigualdades sociais que assolavam o país.

Ele passou a encarnar os anseios dos segmentos da população brasileira que consideravam urgente transformar as estruturas políticas e sociais do país. Prestes tornou-se o herói principal da luta contra os “carcomidos”, ou seja, os políticos ligados à situação dominante. Num processo que se tornaria ainda mais agudo em sua fase comunista, Prestes foi assumindo o papel dos mitos políticos modernos: herói envolto numa narrativa legendária, encarnação das utopias de um grupo e elemento poderoso na mobilização da esperança de um futuro melhor (Motta, 2004, p. 92).

Apesar de algumas vitórias e feitos promovidos pela Coluna Prestes, depois de 2 anos marchando pelo interior do país, o movimento acabou sendo encerrado em 1927, principalmente pela falta de recursos armamentistas (importante lembrar que o embate contra as forças militares legalistas era evitado); os tenentistas acabaram se exilando na Bolívia, dentre eles Prestes, que assim passaria a se aproximar ao socialismo, em especial das teorias de Marx, Engels e Lênin.

A aproximação de Prestes às ideias marxistas, na verdade, começara já em 1927, quando ele recebeu, em seu exílio boliviano, emissários do PCB cuja missão era exatamente atrair o líder tenentista para sua causa. Entretanto, os líderes comunistas brasileiros divergiam de Prestes quanto à postura a adotar. Alguns segmentos do partido, imbuídos de uma perspectiva obreirista, consideravam o fascínio exercido pelo jovem militar nocivo ao PCB. Eles viam no prestígio um desvio “pequeno-burguês”, que colocaria em risco o caráter revolucionário e operário que pretendiam conferir ao partido. A polêmica foi resolvida pelos líderes soviéticos, que, ao que tudo indica, impuseram a filiação de Prestes ao PCB (Motta, 2004, p. 93).

Mesmo com o “fracasso” da Coluna Prestes, o movimento fez com que Prestes

²⁷ Importante não confundir com a Coluna Prestes, que foi um movimento político criado imerso ao Tenentismo, que duraria de 1925 a 1927. Ressaltando que após o fracasso da Coluna, Prestes exilou-se na Bolívia e posteriormente na Argentina, onde daria início aos seus estudos marxistas.

²⁸ São Paulo e Minas Gerais.

obtivesse um grande reconhecimento dentro e fora do país, principalmente na União Soviética, berço do socialismo. Para muitos ele ficou conhecido como “O Cavaleiro da Esperança”, e com isso, Prestes fez com que parte do povo brasileiro tivesse esperanças de poderem viver um país mais igualitário e sem desigualdades. Em contrapartida, também era conhecido por seus opositores como “O Cavaleiro do Apocalipse”, principalmente por estar envolvido com ideais comunistas.

Antes mesmo de conhecer Prestes, Olga já ouvira falar sobre os feitos de Carlos Prestes e sua coluna ainda quando se encontrava na Antiga União Soviética, sempre curiosa sobre as façanhas do brasileiro: “- O camarada tem cesteza de que eles andaram mesmo vinte e cinco mil quilômetros a pé? Isso significa ir e voltar de Moscou a Berlim quase dez vezes... a pé! [...] Já imaginou se pudessemos estar lá, incorporados a essa tal de coluna invencível? (Morais, 2022, p. 60).

Antes da Revolução de 1930, Prestes se encontrou com Vargas, o qual ainda era presidente do estado do Rio Grande do Sul, e ele foi convidado por Getúlio para participar da Aliança Liberal, chapa eleitoral que tinha o intuito de vencer Júlio Prestes na eleição presidencial de 1930, querendo assim o apoio tenentista. A resposta negativa de Prestes aos planos de Vargas fez com que ele rompesse de vez com o movimento tenentista, pois em sua visão política, os ideais promovidos pela AL não eram condizentes com tudo aquilo que lutou, principalmente contra as oligarquias.

A ruptura de Luís Carlos Prestes com os “tenentes” em 1930 e sua adesão aos ideais comunistas podem explicar muita coisa. A partir daquele momento, quase todos os seus antigos companheiros, em maior ou menor grau, com Getúlio Vargas, viraram-lhe as costas, tendo-se integrado no movimento de 1930 e, posteriormente, servindo ao poder estabelecido com a derrocada da República Velha (Prestes, 1995, p. 6).

Segundo Boris Fausto (2015), Prestes ainda quando estava na Bolívia, foi visitado por um dos membros do partido comunista brasileiro, Astrogildo Pereira, que tinha o intuito de fazer com que o revolucionário se aliasse a causa comunista no Brasil; inicialmente Prestes não tinha qualquer intenção de participar de maneira ativa no partido, toda via acabou se convencendo dos ideais pregados pelo grupo e se filiando, posteriormente vindo a se tornar o presidente mais respeitado do movimentado, de acordo com Fernando Moraes (2022).

Enquanto não era um membro oficial do PCB, Prestes fundou um pequeno grupo chamado Liga de Ação Revolucionária (LAR) e por alguns anos o grupo não foi bem visto pelos demais comunistas, pois para eles, Prestes era um verdadeiro perigo, o qual visava apenas a uma pequena classe não condizente com o ideal comunista, até que uma ordem vinda diretamente de Moscou garantiu o ingresso de Prestes no partido em 1934 (Fausto, 2015). Segundo Fernando Moraes (2022), cada dia mais Prestes se convencia de que só uma revolução popular poderia mudar os destinos do Brasil.

3.3 OLGA E PRESTES CONTRA O TEMPO

Assim como Carlos Prestes, que se dedicava a militância e motins no Brasil, com Olga Benário não era diferente. Revolucionária desde a adolescência, e participante ativa da juventude comunista alemã, esta já chamava atenção dentro da Alemanha, tendo até mesmo sua prisão decretada após planejar a fuga de seu antigo parceiro Otto Braun do complexo prisional de Moabit, em 1928, e promover rebeliões contra governos de extrema direita. Assim, precisou refugiar-se em Moscou, já que fora identificada na Alemanha, e também para aperfeiçoar suas técnicas de combate e principalmente seus estudos sobre o marxismo.

Todos os programas comentavam o fato do dia - a invasão da prisão de Moabit. [...], mas tanto os jornais como o rádio transmitiam uma certeza tranquilizadora: de todos os participantes da ação, só ela fora identificada pela polícia. Se desconhecia a identidade daqueles jovens, sobre Olga e Otto a polícia sabia tudo (Morais, 2022, p. 21).

Quando se mudou para Moscou, Olga teve seu primeiro contato com Carlos Prestes, mesmo que indiretamente, ao ouvir um jovem latino-americano contar para seus colegas, a história que lera no seu país sobre uma aventura revolucionária na América do Sul. Segundo Moraes (2022), era a história de um batalhão de mil e poucos homens que haviam percorrido a pé mais de 25 mil quilômetros. O relato era a respeito da Coluna Prestes.

Inicialmente, Olga e Prestes viriam a ter seu primeiro contato mediante interesses ideológicos em comum; ambos presenciavam o crescimento e expansão dos movimentos da extrema direita em parte da Europa, na Itália e, principalmente, na Alemanha de Hitler. Prestes e Olga viviam nesse eterno *barril de pólvora*, pronto a explodir a qualquer momento.

Se nos dias de hoje, o “ser mulher” ainda se mostra uma importante pauta a ser discutida diante da sociedade, falar dela no século XX, período de ascensão fascista, poderia ser considerado uma tarefa muito difícil, e com Olga não foi diferente. Uma mulher alemã judia e comunista deveria “provar” seu valor e ser sempre a melhor, pois era vista também com desconfiança por seus colegas do movimento.

Para a maioria dos comunistas alemães, não apenas a direita era considerada inimiga. Eles colocavam no mesmo saco e tratavam com o mesmo desprezo os sociais - democratas - e o dr. Benário era um social-democrata. Para os jovens comunistas do Schwabing, filhos de operários, aquela era uma presença inusitada: nunca, até então, uma jovem da burguesia bávara tinha batido às suas portas para pedir filiação (Morais, 2004, p. 29).

Segundo Moraes, ainda quando estava refugiada em Moscou, além de treinamento militar, Olga aprendeu a pilotar aviões, atirar, cavalgar e a falar outros idiomas. Benário conheceu Prestes durante seu período de treinamento, momento esse em que as histórias do brasileiro circulavam a Europa, enredando olhares de admiração por sua militância.

Ainda na União Soviética, Olga, por seu superior da Comintern, recebeu a missão de cuidar exclusivamente da segurança de Carlos Prestes na sua volta ao Brasil; a ideia do Partido Comunista era ade que Prestes promovesse um levante comunista no país contra o governo de

Vargas principalmente com o apoio da população.

As propostas do Partido Comunista visavam o desenvolvimento do Brasil, visto que este era um país atrasado e isso apenas seria possível com a destruição dos grandes latifúndios e do imperialismo norte-americano, e, ao perceber o grande crescimento da ANL, o PCB se coadunou a essa nova plataforma para que pudessem promover a revolução comunista (Pandolfi, 2004, p. 177).

A viagem de Olga e Prestes para o Brasil contou com um minucioso plano orquestrado para que chegassem ao país em segurança, principalmente para que não levantassem qualquer suspeita, visto que a caçada por Prestes em território nacional era intermitente. Segundo o mestre em História Social, Matheus de Mesquita (2008), foi uma viagem de navio luxuosa, com passaportes falsos, com os nomes de Antônio Vilar e Maria Bergner e a farsa de que eram um casal português recém-casado para Nova Iorque. Tudo planejado minuciosamente para que não houvesse qualquer desconfiança, já que ambos entrariam clandestinamente no país. Além da segurança pessoal do brasileiro, Olga ficou responsável por traçar todo o trajeto até a América do Sul, se deslocando entre Amsterdam, o sul da Suécia, Copenhague, Inglaterra, Bélgica, Paris e Brasil.

Sobre a chegada, do então casal ao Brasil, em 1935, havia sido criada a polícia política do governo de Getúlio Vargas (Serpa, 2008): “com a criação formal da polícia política em 1933 – a Delegacia Especial de Segurança Política e Social – tanto as mulheres quanto os homens do Partido Comunista passaram a ser considerados como opositores” (Carneiro, 1995, p. 43). Pouquíssimas pessoas sabiam da vinda de Prestes ao país, apenas membros do PCB, entre eles Miranda, secretário-geral do partido, que recebeu uma carta vinda do Rio de Janeiro, dizendo que Prestes chegaria ao Brasil (Morais, 2004).

O crescimento da ANL em todo o país começou a assustar o governo. O pretexto de que o presidente Getúlio Vargas precisava para conter a maré nacional contra si surgiria mais depressa do que o esperado (Morais, 2004). Carneiro ainda discorre sobre aqueles que iam contra o governo Varguista, o mesmo precisando tomar providências para que assim não atentassem contra seu comando:

Militantes passaram a ter o tratamento de dissidentes políticos, ou seja, decriminosos, transgressores da ordem, identificados por suas ideias e comportamentos desviantes. E aquele que fosse judeu e estrangeiro, além de comunista, era triplamente discriminado. Tais estigmas prestaram-se à construção semântica e criminalizante do discurso que os transformaram em inimigos da ordem social e política. Os slogans persistiram por mais de meio século, compondo o arquétipo do comunista como símbolo da malignidade (Carneiro, 1995, p. 43).

Chegando no Rio de Janeiro em 1935, Olga admirava o país, no qual acabara de chegar juntamente de Carlos Prestes:

Prestes vibrava com o entusiasmo que Olga nutria pela beleza de seu país, pela natureza, pelas cores magníficas e pela variedade de frutas. Ela experimentou frutas que não conhecia e, mesmo quando não gostava, não as recusava. “Vocês se orgulham desse país e também sabem expressar esse orgulho politicamente. Antigamente não conhecíamos direito a necessidade de falar de nosso amor pela pátria.

Com isso, dava a impressão de que só os fascistas eram patriotas e as pessoas não percebiam que eram os fascistas que as envenenavam, prejudicando terrivelmente a Alemanha” (Werner, 1989, p. 149).

Olga quando não estava trabalhando em prol do partido, apreciava cada momento em que estava no Brasil, discutindo por longas horas com Prestes a respeito da situação do país, principalmente em sua comparação com a Europa e América do Norte.

Segundo Olga: “aqui, muitos brasileiros se orgulham porque o ódio racial dos brancos não é tão forte como na América do Norte”, pensou Olga. Nem poderia ser. Mais de 12 milhões de escravos foram levados ao país e durante três séculos existiam milhões de mestiços. Onde começam e terminam as diferenças raciais? (Werner, 1989, p. 151).

Importante ressaltar que essa percepção faz referência a uma pessoa da década de 30, uma visão simplista de uma estrangeira recém-chegada ao país; comparar com a realidade atual, principalmente em um momento de ascensão extremista seria injusto, pois diferente daquela época, grande parte da população hoje não²⁹ tem qualquer receio de serem racistas.

Vivendo clandestinamente no Rio de Janeiro, Olga e Prestes se organizavam com os membros do Partido Comunista para promoverem o levante no país, assim como Arthur Ewert, estes lutavam contra o tempo, visto que a notícia de que Prestes estava no Brasil já circulava, principalmente pela polícia política de Vargas, comandada por Filinto Müller, braço direito de Getúlio que colocaria Prestes e Olga na prisão no futuro. As escondidas, Prestes fora eleito presidente de honra da Aliança Nacional Libertadora, órgão criado em oposição ao AIB (Ação Integralista Brasileira de 1932), que detinha o apoio de Vargas. A ANL viria a se tornar ilegal por Vargas, após um discurso feito por Carlos Prestes.

Brasileiros! Todos vós que estais unidos pela ideia, pelo sofrimento e pela humilhação de todo Brasil! Organizai o vosso ódio contra os dominadores transformando-o na força irresistível e invencível da Revolução brasileira! Vós que nada tendes para perder, e a riqueza imensa de todo Brasil a ganhar! Arrancai o Brasil da guerra do imperialismo e dos seus lacaios! Todos à luta para a libertação nacional do Brasil! Abaixo ao fascismo! Abaixo o governo odioso de Vargas! Por um governo popular nacional revolucionário! Todo poder à Aliança Nacional Libertadora! (Prestes, 2006, p. 84).

Segundo Dorigo (2012), a criação da ANL, a rejeição ao fascismo, as desconfianças em relação ao futuro da democracia liberal brasileira sob a liderança de Vargas, fez com que diversos movimentos populares eclodissem no país, criando assim a ilusão de que um levante comunista aconteceria mais cedo ou mais tarde, e essa ilusão foi crucial para o fracasso do movimento. Prestes, assim como o Partido Comunista, esperava que a insurreição tivesse grande adesão popular e principalmente a participação das forças armadas, ou seja, que a revolução nasceria nos quartéis e seria seguida pelas camadas populares (Figura 10).

²⁹ Isso não significa que no passado essa realidade era melhor, mas sim que de certa forma, a população hoje alinha-se com os ideais de governos radicais e enxergam nesses, a possibilidade de legitimação para seus próprios atos e discursos.

Figura 10 - Repressão total aos comunistas da Intentona Comunista



Fonte: Imago História

<https://imagohistoria.blogspot.com/2018/10/charges-historicas-era-vargas-intentona.html>

A Aliança Nacional Libertadora planejava o levante contra o governo há tempos, apenas estavam aguardando as ordens do Partido Comunista Brasileiro e as ordens de Prestes, juntamente com soldados que estavam prontos para a rebelião, entre membros de sindicatos e outros membros da sociedade civil. Mesmo com os esforços de Carlos Prestes, nem ele mesmo poderia imaginar que a insurreição explodiria tão cedo e de forma tão imprevisível.

Após o discurso de Prestes, a polícia varguista cada vez mais estava disposta a encontrar aqueles que atentavam contra o poder; segundo Schwarcz e Starling (2015), seria a primeira vez na história do país que os comunistas pegariam em armas para fazer valer seu programa revolucionário. Em novembro de 1935, os levantes iriam eclodir em 3 pontos diferentes no Brasil. Tais movimentos revolucionários, pecariam por sua desorganização e não por traições de dentro do PCB.

Boris Fausto discorre amplamente sobre o levante de Prestes, comparando o movimento as revoltas tenentistas da década de 1920.

Começou em 23 de novembro, no Rio Grande do Norte, antecipando-se a uma iniciativa coordenada a partir do Rio de Janeiro. Uma junta de governo tomou o poder em Natal por quatro dias, até ser dominada. Seguiram-se rebeliões em Recife e no Rio, esta última de maiores proporções. Houve ali um confronto entre os rebeldes e as forças legais de que resultaram vários mortos até a rendição (Fausto, 2015, p. 198).

O PCB e a Comintern foram alimentados com ideias de que a população era a favor do levante proposto por Prestes. Seria nesse momento, após o fracasso da insurreição, que Vargas tomaria medidas repressivas e autoritárias contra aqueles que atentassem novamente contra seu governo, principalmente comunistas e a esquerda em geral. Com a aprovação do Congresso; o que se viria a ser literalmente uma “caçada às bruxas”, por todos aqueles que estavam envolvidos na Intentona Comunista, principalmente por Prestes e Olga, até então desconhecida pelo governo brasileiro (Figura 11).

A caçada aos comunistas responsáveis pela tentativa de revolução foram lideradas

por Filinto Muller³⁰, ex-companheiro tenentista de Carlos Prestes que agora trabalhava para Vargas (assim como grande parte dos ex-tenentistas), e que tinha como obsessão a captura do Cavaleiro da Esperança.

Figura 11 - Filinto Muller examina documentos encontrados na casa de Olga e Prestes



Fonte: Memorial da Democracia
<http://memorialdademocracia.com.br/card/luis-carlos-prestes-e-sua-mulher-sao-presos>

3.4 A FUGA DE PRESTES E BENÁRIO CHEGA AO FIM

Após o fracasso da insurreição nacional, todas aquelas que estiveram envolvidos com atividades consideradas ilegais pelo governo seriam presos, e com Carlos Prestes, Olga, Arthur Ewert e todos os participantes do levante não seria diferente. Até então, as autoridades comandadas por Filinto Muller, sabiam que Prestes estava no Brasil, sabiam também que este estava acompanhado por uma mulher, que até então ninguém sabia quem era, o que intrigava a todos na época. Olga, até então desconhecida por todos, era tida apenas como sendo “a companheira de Prestes”, principalmente após sua prisão, pois ela negava revelar qualquer informação sobre isso.

Perseguidos pela polícia política de Getúlio desde o fim da revolução antifascista, Prestes e Olga precisaram mudar-se da casa onde moravam (assim como todos do partido), foram ajudados pelo norte-americano que também participava da luta contra o fascismo, Victor Allen Barron. Segundo Anita Prestes (2019), Barron, era o único que conhecia a localização de Prestes e Olga - Rua Honório 279, no bairro carioca do Méier - visto que havia sido ele que os ajudara a se esconder das autoridades de Muller, entretanto, tal esconderijo não duraria muito tempo, pois outros integrantes capturados pela polícia, deletariam parte do movimento sob torturas, entre eles, o argentino Rodolpho Ghioldi.

Ghioldi fazia parte do levante promovido por Prestes contra Vargas, após o fracasso do movimento, ele acabou sendo um dos primeiros a ser preso, junto de sua esposa Carmen Alfaya.

³⁰ Filinto foi acusado de desertor por Prestes e expulso da Coluna, por atentar contra o movimento que planejaram em 1932, desde então, nutriu ódio por Prestes, esperando então poder se vingar algum dia.

Como cooperou com a polícia, acabou não sendo torturado (diferente de Barron, que foi torturado, morto e jogado em uma cela, isso tudo por não fornecer qualquer informação), fornecendo informações sobre a Intentona, documentos do PCB e informações de todos aqueles que conspiraram contra Vargas. Assim, era apenas questão de tempo até que Prestes e Olga fossem presos.

Prestes estava casado com uma mulher clara, provavelmente estrangeira – pois sempre se comunicava com ele em francês – e que ficava permanentemente a seu lado. Ghioldi ignorava o sobrenome da mulher, mas tinha absoluta certeza de seu nome: Olga (Morais, 2022, p. 146).

Na época, após a prisão de Olga e Prestes, Filinto Muller, divulgou a imprensa que a prisão de ambos havia sido feita porque Barron fornecera a localização do casal, o que era mentira, visto que verdadeiramente a ideia era a de manter discrição a respeito de Ghioldi, o verdadeiro delator. Outro motivo seria a respeito da morte de Barron, que mesmo após ser brutalmente torturado, em nenhum momento traiu o movimento. Sua morte foi noticiada como suicídio.

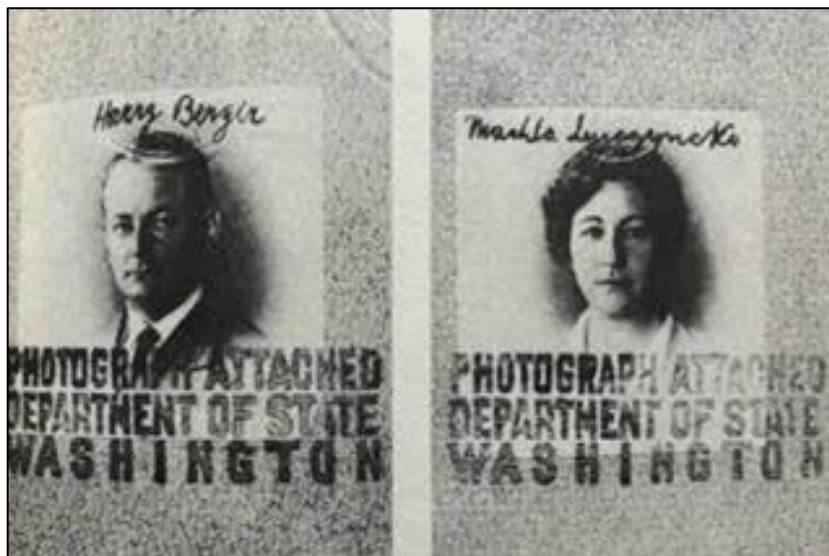
Poucas horas após a prisão de Prestes e Olga, Barron foi jogado de uma janela do prédio da Polícia Política na Rua da Relação, acusado de suicídio. Ao mesmo tempo, Filinto Müller, o famigerado chefe policial, anunciava à imprensa a prisão do líder comunista, que teria sido possível graças às informações prestadas por Barron. Era posta em curso uma farsa destinada a encobrir e proteger Rodolpho Ghioldi em recompensa por sua valiosa colaboração com as autoridades (Prestes, 2019).

Antes da prisão de Olga e Prestes, outro casal seria preso, Arthur Ewert e sua esposa Elise Saborowski (Figura 12); ambos seriam presos por Filinto durante a caça aos comunistas. Assim como Barron, o casal em nenhum momento forneceu qualquer tipo de informação sobre o PCB ou a localização de Olga e Prestes, e por isso foram cruelmente torturados pela polícia brasileira. Sofreram as maiores crueldades, violência psicológica, física (sexual) para que de alguma forma delatassem qualquer coisa, ainda assim nada disseram.

Senhor Theodore Xanthaky³¹: eu e minha mulher estamos sendo espancados há vários dias por policiais nazistas e russos brancos emprestados à polícia brasileira. Eles estão tentando obter nomes e endereços que, sob nenhuma circunstância, eu ou minha mulher daríamos. Nenhum de nós disse rigorosamente nada à polícia. E muito menos diremos ao senhor” (Morais, 2022, p. 132).

³¹ Um ex-bancário americano que trabalhara na embaixada norte-americana no Brasil. Fora escolhido para tentar obter qualquer informação com o casal Ewert.

Figura 12 - Arthur e Elise Ewert com seus passaportes falsos



Fonte: Livro “Olga” de Fernando Morais, 2022, p. 131

Arthur Ewert ou Harry Berger e sua esposa Elise, foram separados ainda no Brasil. Ela seria deportada juntamente com Olga de volta para Alemanha, onde morreria no campo de concentração Ravensbrück, em 1940; já seu marido ficaria preso no Brasil e retornaria a Alemanha em 1947, passando o resto da sua vida em um hospital psiquiátrico, resultado dos anos de tortura no Brasil.

Após quarenta dias de buscas, Filinto emboscou Prestes e Olga no dia 5 de março de 1936, no Méier, Rio de Janeiro. Ambos foram presos em casa enquanto dormiam. A missão que a polícia recebeu de Vargas é a de que levassem Prestes vivo ou morto, o que por pouco não aconteceu, já que Olga jogou-se na frente de Carlos para que não atirassem contra ele. O casal foi levado na mesma viatura, sob protestos dos policiais e se despediram em silêncio, pois sabiam que aquela seria a última vez que iriam se ver. Olga seria levada para a polícia central para prestar depoimento sobre sua verdadeira identidade³², enquanto Prestes iria diretamente para a prisão (Figura 13) ainda no Rio de Janeiro. A partir desse momento, começou um movimento intenso nacional e internacional pela libertação³³ de Prestes, e, principalmente, de Olga, que ainda presa, descobriria estar grávida do brasileiro.

³² Até então, ela possuía um passaporte falso em nome de Maria Bergner Vilar.

³³ Movimento organizado por Leocádia Prestes, mãe de Carlos.

Figura 13 - Carlos Prestes sendo conduzido à prisão



Fonte: Memorial da Democracia

Finalmente após a captura de Olga e Prestes pela polícia carioca, começaria provavelmente, uma das maiores batalhas da vida da alemã, além da separação de seu marido (jamais conseguiria vê-lo novamente), precisaria unir forças para se defender para que não fosse deportada para a Alemanha de Hitler, além de ter que lutar por sua vida, precisaria ser forte por outra pessoa, sua futura filha.

4 QUEM ERA OLGA BENÁRIO PARA OS BRASILEIROS?

Carlos Prestes por muito tempo já era um grande conhecido do povo brasileiro e conseqüentemente das autoridades governamentais daquele período, e juntamente com os Tenentistas, liderou motins que tinham por finalidade destituir Vargas do poder. Mas e Olga Benário? O presente capítulo visa relatar partes da vida de Benário com análise em especial às biografias de Fernando Morais e Anita Prestes, e às cartas da comunista trocadas com sua família e a própria Gestapo alemã.

Importante ressaltar que Olga e Prestes chegaram sorrateiramente ao Brasil, visto que ambos eram procurados tanto pela polícia alemã como a brasileira, sendo assim, após a sua prisão, começara uma busca pelas informações de quem seria a companheira de Prestes, visto que Olga em nenhum momento permitiu-se fornecer qualquer tipo de informação a polícia, alegando inúmeras vezes ser uma cidadã brasileira, casada com um brasileiro (figura 13). As autoridades viriam apenas a terem conhecimento de sua identidade verdadeira quando a própria Gestapo entrou em cena, interessados na deportação de Olga.

Figura 14 - Prisão de Olga Benário



Fonte: Correio de São Paulo sexta-feira 6 de março de 1936.

Para a imprensa brasileira, Olga Benário era apenas a companheira de Prestes, que junto dele tramavam uma revolução comunista para destituírem Vargas da presidência do país. A princípio, não imaginavam que a alemã era umas das figuras mais procuradas pela Alemanha nazista, e Olga sabia que era questão de tempo para que alguém descobrisse sua verdadeira identidade e a deportassem de volta ao seu país natal.

O Brasil apesar de se manter “neutro” nas disputas políticas da década de 30, envolvendo diretamente a Europa, se mostrava favorável a permanecer com laços unidos a Alemanha (e também com a Itália), visto que o próprio governo flertava com ideais fascistas

para o país³⁴; seriam através dessas relações próximas entre os dois países, que a verdade sobre Olga viria à tona; o Brasil era representando na Alemanha pelo embaixador José Joaquim Moniz de Aragão. Ele era extremamente próximo do governo alemão e por consequência dos oficiais da Gestapo, seria dessa maneira que Olga teria sua identidade revelada, não apenas na Alemanha, mas em todos os países por onde se refugiou.

Pelas informações obtidas, e como referi no meu telegrama número 40, Olga Meirelles, Olga Vilar, Maria Bergner ou Maria Prestes, citada nos jornais brasileiros como esposa de Luís Carlos Prestes, pode ser identificada como Olga Benário, agente comunista da Terceira Internacional deveras eficiente, de grande inteligência e coragem. Olga Benário é de raça israelita, tendo nascido em 12 de fevereiro de 1908, em Munique, na Baviera. Desde o ano de 1925 que Olga Benário é conhecida da polícia alemã como agente comunista extremamente ativa e eficiente (Morais, 2022, p. 179).

Assim, a desconhecida, tida apenas como “companheira” de Prestes, acabara de ter toda a sua vida exposta às autoridades comandadas pelos homens de Filinto Muller; o telegrama enviado pelo embaixador consistia também em falar sobre todos os atos de militância de Olga na Alemanha, além de destrinchar todas as suas rebeliões, como a fuga de Otto Braun e a perseguição também ao casal Arthur e Elise Ewert. Apesar de as informações repassadas ao governo brasileiro pela Gestapo, o sigilo e discrição eram de extrema importância para que a notícia não se espalhasse, entretanto, as manchetes com a verdadeira identidade de Olga eram publicadas na imprensa (figura 14), em especial no jornal Correio da Manhã.

Figura 15 - Identificação de Olga Benário



Fonte: Correio da Manhã, sexta-feira, 1 de maio de 1936.

A partir desse momento, começa-se uma corrida contra o tempo, de um lado as autoridades brasileiras tentavam obter qualquer tipo de informação em relação aos movimentos comunistas no Brasil, e por outro lado, uma árdua luta em tentar manter Olga em

³⁴ Vargas era conhecido por enviar a Alemanha diversos estrangeiros fugidos do país (Morais, p. 176).

território nacional através de uma tentativa de habeas corpus requerido por seu advogado Heitor Lima, sob a alegação dela ser casada e estar grávida de um cidadão brasileiro. Olga estava presa, grávida e sem qualquer contato com o mundo externo, aguardando apenas sua extradição. Em nenhum momento chegou a ser ouvida ou prestar depoimento (a mesma também se recusava a falar), ou também receber qualquer acusação, estava apenas presa por ser ilegal no país, judia e comunista. O habeas corpus tinha como função impedir unicamente a deportação da alemã.

O medo de Olga não era o de ser presa, mas sim ser expulsa do país com destino a Alemanha de Hitler, o medo constante não a deixava prestar qualquer depoimento, apenas repetia constante uma única afirmação: “sou brasileira e mulher de Prestes”. A gravidez de Olga seria apenas mais um motivo para que conseguisse a permanência no Brasil e não fosse deportada, visto que perante a lei brasileira, era dever do Estado assegurar asilo político para cônjuges e filhos de brasileiros. É importante ressaltar, que a intenção não era a de que Olga fosse absolvida de seus atos revolucionários no país, mas sim que ela permanecesse no Brasil, fosse julgada e cumprisse sua pena no país, e não na Alemanha.

A partir da identificação de Olga, começou-se uma corrida contra o tempo para que sua deportação não ocorresse de forma alguma, o encarregado do caso de Benário, o advogado Heitor Lima, impetrou um requerimento para que Olga conseguisse um habeas corpus e continue assim no país.

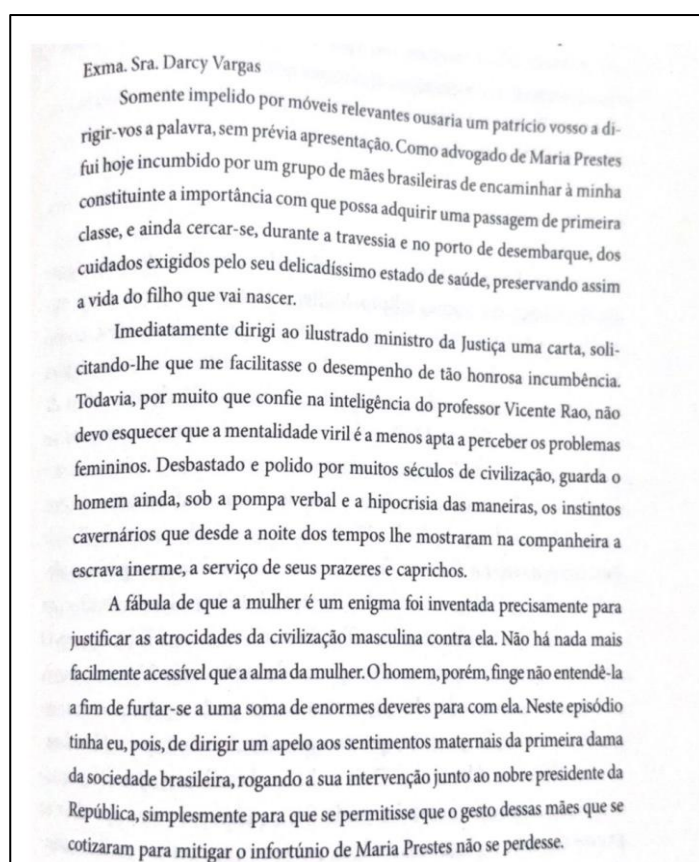
A tese de Heitor Lima centrava-se na afirmação de que criminosos deveriam ser punidos, depois de julgados, e não expulsos. No entanto, ainda segundo Heitor Lima, o estrangeiro nocivo, e só este, é que poderia ensejar expulsão. E porque a paciente supostamente teria cometido crime, aqui mesmo no Brasil deveria ser julgada, processada e eventualmente penalizada. E também pelo fato de que era estrangeira, porém não nociva, até porque estava grávida, não haveria razões justificativas de expulsão (Godoy, 2012, p. 1).

Segundo o advogado e professor de filosofia Arnaldo S. M. Godoy, o tipo de habeas corpus protocolado por Heitor não era comumente solicitado, pois em nenhum momento ele apelou para uma inocência de Benário, mas sim que ela, como uma estrangeira, deveria ser julgada no país antes de ser expulsa, e até mesmo, se possível, que a ré cumprisse sua pena no território em questão. Para tentar atrasar a deportação de Olga, Heitor apelou para o bom senso do Ministério de Justiça, alegando que se a ré em questão fosse banida do Brasil, essa ação seria uma forma de “absolvição” no país, visto que não seria responsabilizada por sua união com Prestes nos motins contra Vargas, visto que sua sentença e seu destino para Alemanha já estavam traçados. Mulher, judia e comunista, seu único destino era o campo de concentração de Ravensbrück³⁵. Importante salientar que o tribunal não abria qualquer tipo exceção para acusados de tentarem contra o governo. A primeira investida de Heitor não foi levada em consideração, o advogado então, partiu para seu segundo argumento: a gravidez de Olga.

³⁵ Importante ressaltar, que o governo brasileiro flertava com ideias nazista e anticomunistas na época, sendo assim a deportação de Olga Benário era apenas uma questão de tempo.

A ideia de Heitor era de que a gravidez de Olga pudesse de alguma forma sensibilizar aqueles que participavam do processo dela, além disso, a Constituição abrangia a ideia de proteção a qualquer nascido em território brasileiro. Neste momento deu-se início a uma questão envolvendo a negligência do governo, de quem foi a culpa pelo banimento de Olga? A teoria era a de que Vargas desconhecia todo o tramite envolvendo a expulsão de Olga, que a decisão partiu somente da área jurídica, entretanto há fortes indícios de seu conhecimento, visto que Heitor escreveu pessoalmente à esposa de Vargas, Darcy, apelando para o lado materno da primeira dama (figura 15), relatando toda a situação de Olga, que carregava um filho brasileiro em seu ventre. A carta de Heitor jamais foi respondida e o habeas corpus de Olga foi negado, ela seria extraditada para a Alemanha de Hitler, grávida, e com seu destino traçado.

Figura 16 - Carta de Heitor Lima a Darcy Vargas



Fonte: Biografia Olga, Fernando de Moraes, 2022, p. 203.

Segundo Fernando Moraes, enquanto Heitor de Lima corria contra o tempo para conseguir evitar a deportação de Olga, ela se organizava com as detentas que ali estavam com ela, discursando teorias marxistas, sobre seus movimentos na União Soviética frente suas rebeliões em busca da Revolução. Os portos por toda a Europa tinham conhecimento das normas endurecidas vindas do governo brasileiro com tolerância zero para estrangeiros considerados “nocivos”, e por conta disso, toda vez que algum navio atracava em algum porto europeu vindo do Brasil, membros do partido comunista invadiam o lugar em busca de presos políticos. Essa postura fria e dura do governo, seria ainda mais eficaz durante a deportação de Olga e Sabo, com a ordem de não atracarem em qualquer porto europeu, e que o navio fosse direto para a Alemanha.

Enquanto Olga permanecia detida, Heitor pleiteava suas considerações finais para o

requerimento de habeas corpus. Godoy (2012) descreve a negligência do Supremo Tribunal Federal frente ao processo de Olga.

A Colendíssima Corte Suprema, é claro, não vai julgar da conveniência ou da oportunidade da medida coercitiva que ameaça a paciente: examiná-la-á apenas sob o ângulo da legalidade, ou constitucionalidade. No processo de expulsão há somente três depoimentos de investigadores de polícia, ouvidos na ausência da acusada; os investigadores limitam-se a informar que na Delegacia de Segurança Política a expulsando é tida por agitadora, e por isso os depoentes afirmam que ela constitui perigo para a segurança nacional, nada mais (Godoy, 2012, p. 1).

Olga - naquele momento - possuía apenas as roupas do corpo, o vestido com o qual foi presa, sendo assim não detinha qualquer recurso financeiro, o que dificultaria assim a validação da solicitação de seu habeas corpus; sendo mais um problema durante a petição do caso, Heitor Lima ainda tentou com que o processo fosse realizado sem qualquer tipo de custo, recorrendo ao próprio tribunal.

Requer, pois, o impetrante que está Egrégia Corte Suprema: 1º - Determine que o presente pedido se processe sem custas. 2º - Solicite do Snr. Ministro da Justiça informações sobre o alegado neste requerimento, do qual se lhe remeterá cópia. 3º - Requisite os autos do processo de expulsão. 4º - Ordene o comparecimento da paciente para a sessão de julgamento. 5º - Faça submeter a paciente a uma perícia médica, no sentido de precisar o seu estado de gravidez. 6º - Solicite que o Snr. Chefe de Polícia informe se, no inquérito a que, juntamente com Luiz Carlos Prestes, responde a paciente, é Maria Prestes acusada de vários delitos contra a ordem política e social. 7º - Conceda, afinal, a ordem de habeas corpus, a fim de que a paciente não seja expulsa do território nacional, sem prejuízo do processo ou processos a que esteja respondendo ou venha a responder (Godoy, 2012, p. 1).

Mesmo com as apelações de Heitor para que o processo de Olga fosse realizado sem custos, por falta de recursos, Bento Faria, presidente do Supremo Tribunal Federal, rejeitou qualquer possibilidade de acordo, esbravejando ainda que o próprio advogado arcasse com o valor do processo. Dada as inconsistências do segmento do processo de Benário, seu pedido de habeas corpus foi rejeitado pelas autoridades brasileiras, o próprio Bento Faria solicitou informações de Olga ao Ministério da Justiça³⁶.

Vistos, relatados e discutidos estes autos de habeas-corpus impetrado pelo Dr. Heitor Lima em favor de Maria Prestes, que ora se encontra recolhida à casa de detenção, a fim de ser expulsa do território nacional, como perigosa à ordem pública e nociva aos interesses do país. A Corte suprema indeferindo, não somente a requisição dos autos do respectivo processo administrativo, como também o comparecimento da paciente e bem assim a perícia médica afim de constatar o seu alegado estado de gravidez, e atendendo a que a mesma paciente é estrangeira e a sua permanência no país compromete a segurança nacional, conforme se depreende das informações prestadas pelo Exmo. Sr. Ministro da Justiça; atendendo a que, em caos tais não a como invocar a garantia constitucional do habeas-corpus, à vista do disposto no art. 2º do decreto nº 702 de 21 de março deste ano. ACORDA, por maioria, não tomar conhecimento do pedido. Custas pelo impetrante. Corte Suprema, 17 de junho de 1936 (Godoy, 2012, p. 1).

No dia 27 de agosto de 1936, Getúlio Vargas assinou o decreto (figura 16) que expulsaria Olga do país, mandando-a de volta para a Alemanha. O governo brasileiro e o próprio presidente, em nenhum momento se compadeceram da circunstância em que se encontrava Olga,

³⁶ Importante ressaltar, que todas as informações envolvendo o passado de Olga vieram da própria Gestapo, em concordância com o governo do Brasil.

não fizeram valer os direitos humanos garantidos pela lei onde deveriam garantir asilo e proteção para filhos de brasileiros. A judia não teve direito a qualquer tipo de defesa, apenas foi entregue como um “presente” para Hitler.

Figura 17 - Habeas corpus de Olga negado.



Fonte: Correio da Manhã, sábado, 29 de agosto de 1936.

4.1 A EXTRADIÇÃO DE OLGA PARA A ALEMANHA NAZISTA

Logo após a negativa do habeas corpus de Olga, a sua volta para a Alemanha não passava de questão de tempo para se concretizar. O que impedia seu retorno imediato, era a sua gravidez já em estado avançado, além de pequenos motins realizados dentro da própria penitenciária onde Olga se encontrava, algumas rebeliões eram realizadas em países da Europa, principalmente com as investidas de Dona Leocádia Prestes, mãe de Carlos Prestes, que liderava uma ofensiva dentro e fora do país pela libertação de Olga.

Filinto, com medo de toda sua estratégia se esvair frente à inflamação pública feita por dona Leocádia, traçou um plano para retirar Olga do país. Em uma noite, quando Benário, ainda se sentindo mal por conta de sua gravidez e sob protestos das detentas, foi retirada às pressas da prisão para que fosse conduzida até o hospital, juntamente com Sabo (esposa de Arthur Ewert). Todavia, as mulheres nunca chegaram de fato ao hospital. Foram levadas ao porto do Rio de Janeiro, onde o navio alemão *La Coruna* com a suástica alemã hasteada lhes esperava para as levarem de volta à Alemanha de Hitler. A ordem era de que o navio não fizesse qualquer parada até o seu destino final.

Depois de dias em alto mar, Olga e Elise retornavam a Hamburgo, no dia 16 de outubro, sendo recebidas pela própria polícia alemã “em nome do Führer para receber as duas criminosas” (Morais, 2022, p. 229). Olga foi levada à temida penitenciária feminina de Barnimstrasse, onde uma equipe a aguardava, todos prontos para que seu interrogatório pudesse ter início.

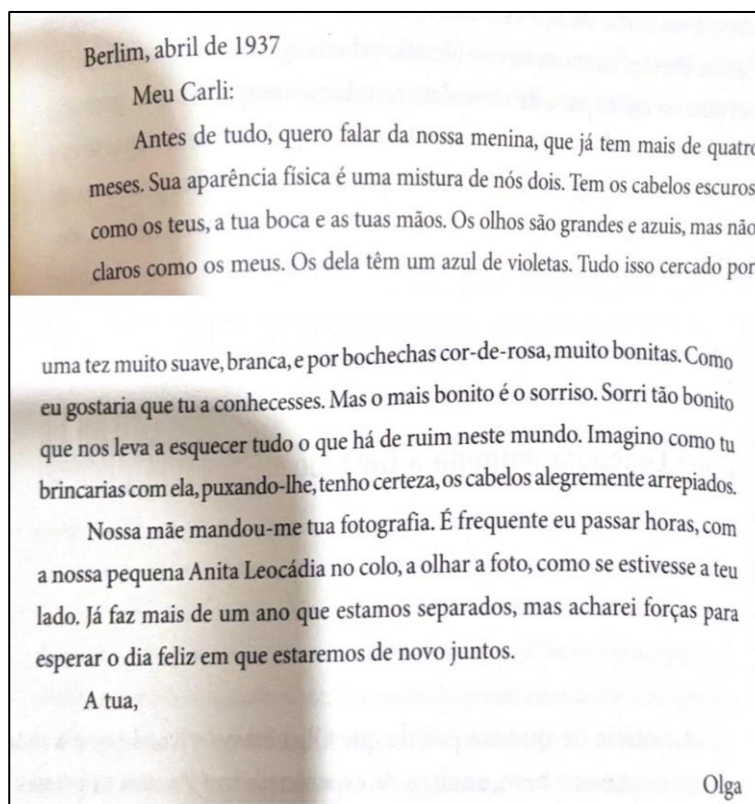
Olga permaneceria em Barnimstrasse até que Anita pudesse ser posta em um lar adotivo após seu nascimento, e, em nenhum momento, ela revelou qualquer tipo de informação sobre suas atividades no Brasil, apenas repetia que era esposa de Carlos Prestes, o que naquele momento era difícil de comprovar, visto que ambos não possuíam uma certidão oficial de casamento.

O dossiê de Olga Benário feito pela Gestapo e liberado pelas autoridades alemãs em acordo com o Brasil em 2015, talvez seja o maior compilado de documentos referentes a um prisioneiro durante o Terceiro Reich. Durante um dos interrogatórios de Olga, traduzido por Anita Prestes, “ela não relatou nada sobre sua atividade comunista; a continuidade de sua permanência na prisão, é, por isso, necessária no interesse de segurança do Estado” (Prestes, 2017, p. 33).

No dia 27 de novembro de 1936, Olga deu à luz a sua filha Anita Prestes, ainda em Barnimstrasse; e mesmo presa, conseguiu permanecer com Anita enquanto pudesse amamentá-la. Enquanto Olga permanecia detida em Berlim, sua sogra, Leocádia com sua filha Lígia, continuavam a se movimentar em prol da libertação de Olga e Anita. Apoiadas pela comunidade internacional, argumentavam que Olga não tinha qualquer tipo de acusação formal sobre si, então não faria sentido ela estar presa e isolada do mundo.

As cartas trocadas entre Olga e sua família só foram autorizadas após o nascimento de Anita, a própria dona Leocádia ficou sabendo do nascimento da neta após 3 meses; as correspondências enviadas e recebidas eram fiscalizadas pela Gestapo, qualquer coisa que considerassem impróprio era excluído, além do que, qualquer manuscrito deveria ser em alemão. Prestes ficaria sabendo da gravidez e do nascimento de sua filha enquanto estava preso pela sua mãe e advogados que lhe entregavam telegramas enviados por Olga.

Figura 18 - Carta escrita por Olga ao seu marido Carlos Prestes



Fonte: Carta retirada do livro Olga de Fernando Morais, 2022, p. 239-240.

O futuro de Anita preocupava a todos, tanto a Olga quanto a Leocádia, visto que a comunista não “cooperava” com a Gestapo, assim utilizavam desse medo de perder a filha para que pudessem descobrir sobre suas atividades dentro do partido. Mesmo com o medo de perder a filha, Olga ainda tinha fé em sua liberdade, acreditava que se pudesse provar seu casamento com Prestes, e consequentemente a paternidade de Anita, conseguiriam sair da Alemanha, o que era improvável, visto que a única possibilidade de se pensar em qualquer atenuante para Olga, seria que ela fornecesse informações sobre a Comintern.

Anita Prestes discorre sobre o cotidiano de Olga prisão: “ontem fui levada à polícia secreta do Estado, onde um funcionário responsável me comunicou que não posso contar com minha libertação, pois represento um perigo para a segurança e ordem pública” (Prestes, 2017, p. 37).

O maior medo de Olga era o de se separar de sua filha, o que aconteceria quando seu leite secasse e não fosse mais possível amamentá-la. Leocádia tentou, a todo custo, conseguir uma certidão de casamento para Olga e Prestes, entretanto devido aos seus depoimentos, tal documento não foi possível de ser requerido, visto que o brasileiro em seu depoimento alegou que o casamento foi realizado na França, já Olga o contradiz, dizendo que fora na União Soviética. Mesmo assim, segundo arquivos da Gestapo, foi considerado que talvez o casamento soviético pudesse ser considerado legal, desde que houvesse algum documento comprobatório, todavia era evidente que tal possibilidade não poderia existir naquele momento político: “um casamento soviético não pode ser reconhecido dentro da

comunhão de direito alemão, e deve-se também decidir se os casamentos soviéticos registrados poderiam ser reconhecidos” (Prestes, 2017, p. 42).

Dona Leocádia, em setembro de 1937, viajou até Berlim, com a intenção de ver Olga e conseguir levar Anita daquela prisão, visto que a mesma já tivera a informação de que mãe e filha seriam separadas nos 10 meses da criança; para que Anita pudesse sair com sua avó foi necessário que Prestes assinasse uma declaração de paternidade da filha, assim, Leocádia conseguiu assegurar para si a guarda de sua neta. No dia 21 de janeiro de 1938, Anita finalmente foi entregue a família de seu pai, Leocádia não pode ver sua nora, entretanto quando chegou a Paris, mandou um telegrama ressaltando que a neta chegara bem. A filha foi arrancada de seus braços e Olga não teve a chance de despedir-se de sua filha.

Anita era o único motivo pelo qual, Olga não havia sido enviada ainda ao campo de concentração, entretanto sua filha não estava mais em seus braços e Benário não forneceu informações sobre o partido comunista. Seu próximo destino seria Lichtenburg.

4.2 OS ÚLTIMOS DIAS DE OLGA

Olga chegara ao campo de concentração logo após Anita ser levada, e assim, teve seus benefícios revogados, como alimentos e livros que vinham da Campanha Prestes (Prestes, 2017). Olga era uma prisioneira qualquer, e como tal, não merecia privilégios, todavia continuava a trocar cartas com Leocádia, sua mãe Eugenie - lhe relatando sobre o nascimento de sua neta - e seu grande amor, Carlos Prestes.

Benário não ficaria muito tempo em Lichtenburg, em torno de um ano, sendo submetida a pesados trabalhos, humilhações, torturas e os intermináveis interrogatórios, visto que a polícia ainda não desistira de saber sobre as atividades da Comintern na América. Foi em Lichtenburg que Olga reencontrou sua amiga Sabo (Elise Ewert). Sua amiga também passou por inúmeras torturas e abusos dentro do campo, e não recebeu nenhuma notícia sobre seu marido que estava no Brasil.

Olga fora transferida novamente a outro campo de concentração; Ravensbruck. Se Lichtenburg era terrível com as mulheres, Ravensbruck era pior. Conhecido, principalmente, por ser um campo de concentração exclusivo para mulheres, onde estas trabalhavam até a exaustão/morte, sofriam com violência, abusos, fome e frio. Os interrogatórios continuaram, e Olga negava sua identidade judia, e reafirmava sua cidadania brasileira. Segunda Anita (2018) Leocádia e Lygia continuaram com o movimento internacional a favor de Olga, e o México concedeu asilo político a Olga, mas o problema central em todo esse contexto era: a Alemanha não iria libertar Olga, não importasse o que fizessem, certidão de casamento, asilo político ou até mesmo que fornecessem informações sobre suas práticas comunistas. Seu destino já estava traçado a partir do momento em que foi presa pelo governo de Vargas.

Figura 19 - Telegrama enviado a Leocádia sobre a não cooperação de Olga

era intolerável para a Gestapo. Um ofício do representante da Polícia Secreta do Estado ao Ministério das Relações Exteriores da Alemanha apresentava a resposta que deveria ser encaminhada a Leocadia Prestes:

Benário teve repetidas oportunidades de se manifestar sobre seu trabalho para o Comintern. Entretanto, até agora o resultado foi negativo. No caso de sua eventual libertação, seria preciso ter em conta que ela, considerada sua inteligência, certamente iria dedicar-se, no exterior, de maneira excepcional, à propaganda difamatória contra a Alemanha. Assim, por motivos policiais, ainda não posso concordar com sua libertação num futuro próximo.

Não considero adequada uma pronta resposta ao pedido, visto que a carta de resposta da Polícia Política Secreta para Leocadia, que também é conhecida como antiga comunista, seria divulgada para fins de propaganda nos círculos hostis à Alemanha no México.

Fonte: Olga Benário Prestes, uma comunista nos arquivos da Gestapo, 2017, p. 66.

Em todas as cartas que se tem conhecimento, Olga, em nenhum momento, perdeu a esperança de se ver livre do domínio de seus torturadores e sempre enviava telegramas e ofícios requerendo saber qual a sua situação frente ao governo alemão. A situação de Olga viria a se tornar mais difícil às vésperas da Segunda Guerra Mundial, visto que para o governo alemão ela era uma traidora da pátria: suas cartas começaram a ficar retidas³⁷, além de não receber qualquer informação do mundo exterior, isso incluía também receber cartas de Prestes e família.

Berlin, agosto de 1939

Querida mamãe, querida Lígia:

Estou de novo apenas com meus pensamentos e minha imensa saudade de todos vocês. De novo, os dias parecem não tem fim. Mas não se preocupem, que eu não deixo o ânimo baixar. Que notícias me dão de Carlos? Já faz seis meses que ele me escreveu pela última vez, e isto me inquieta muito: porque ele não escreve mais? Ela está doente ou está bem de saúde? Mamãe querida, você não pode esconder-me nada, caso esteja acontecendo alguma coisa com ele.

À minha querida Anita digam que a mãe pensa muito nela e que toda noite, ao dormir, imagina como seria bom pegar em suas mãozinhas e beijar seu delicado rosto. Abraças com todo meu amor. Olga (Morais, 2022, p. 271).

Olga seria enviada a um novo campo de concentração, onde sua comunicação com o mundo exterior que já era precária acabaria por se tornar pior por conta da eclosão da Segunda Guerra; Ravensbruck era um campo de concentração afastado de Berlim, por muitos

³⁷ As cartas de Olga começaram a ficar retidas por conta do início da guerra, onde grande parte das correspondências da população não chegavam ao seu destino, provavelmente pelo receio de conterem qualquer informação às nações inimigas.

esquecidos até alguns anos atrás, mas trazido à tona pela escritora Sarah Helm. Ela ficou responsável por descrever toda a crueldade que existia dentro desse campo; segundo Sarah (2017), o trabalho a que estavam submetidas as prisioneiras era como uma escravidão, ou trabalham ou morriam de tanto trabalhar; aquele momento foi o ápice da guerra - 1941 - a própria fábrica de automação Siemens³⁸ possuía acordos com o governo alemão para que armas bélicas fossem produzidas dentro dos campos, por conta disso, a citada empresa foi condenada no Tribunal de Nuremberg³⁹.

Além do trabalho forçado a que eram expostas as detentas, Ravensbruck ficou conhecida também pelos experimentos médicos (Moraes, 2022) coordenados pelo alemão Josef Mengele, conhecido também como o anjo da morte. Além dele, os médicos Otto Grawitz, Karl Gebhardt, Martin Schuhmann e o casal Klaus e Gerda Weyand-Sonntag; por conta dos experimentos, soltaram bactérias que causavam doenças como hepatite e tuberculose, ou até mesmo espalhavam gases para observar e verificar em quanto tempo os corpos poderiam desfalecer.

Ravensbruck não seria nem de longe o fim da loucura nazista, tempos mais sombrios se aproximavam dos prisioneiros, incluindo Olga. Os boatos que circulavam em Ravensbruck era a respeito dos campos de extermínio, onde os prisioneiros eram mortos na câmara de gás. Até então, as mortes eram individuais, entretanto cada vez mais levadas de detentos eram retirados dos campos para nunca mais voltarem. No inverno de 1942, chegou ao campo o médico Fritz Mennecke que teria a função de escolher prisioneiras que não estivessem mais em condições humanas de trabalharem nos campos de extermínio, em especial em Bernburg.

Bernburg era um hospital psiquiátrico, o qual acabou sendo tomado pelo Terceiro Reich; em seu subsolo foram construídos cômodos revestidos de azulejos com chuveiros prendidos no teto. Segundo a historiadora Ania Cavalcanti (2008), ali seria realizado o primeiro teste para uma nova invenção criada pelos nazistas, as câmaras de gás. Tal atrocidade jamais havia sido pensada até então, porém, a cada dia que passava, os alemães nazistas conseguiam ser mais cruéis. O primeiro “teste” seria realizado com alemães considerados desertores pelo governo.

Pouco antes de completar 34 anos em 1942, Olga seria enviada a Bernburg juntamente com outras detentas. As prisioneiras eram chamadas até o pátio e teriam 30 minutos para recolherem seus pertences, Olga teve apenas tempo de escrever sua última carta a Carlos Prestes e Anita, se despendido de sua família e seguindo para o seu fim trágico que esperava por ela. Olga fora assassinada no dia 23 de abril de 1942, em uma câmara de gás, dez dias após sua morte, um comboio de caminhões retornava a Ravensbruck trazendo roupas pertencentes as prisioneiras mortas, nas vestimentas de Olga um bilhete fora encontrado: “A

³⁸ Famosa multinacional que financiava a guerra.

³⁹ Realizado em 1946, para apurar, julgar e condenar crimes de guerra.

última cidade foi Dessau. Mandaram-nos despir. Não fomos maltratadas. Adeus. Bernburg” (Prestes, 2017, p. 77); Dessau era a última parada antes de Bernburg.

Nos documentos da Gestapo, traduzidos por Anita Prestes, um dos médicos que estava presente em Bernburg, revelou que as prisioneiras já vinham despidas, levando-as diretamente para o chuveiro. Elas imaginavam apenas que iriam tomar apenas um banho, entretanto iriam ser asfixiadas com monóxido de carbono, mostrando assim a terrível crueldade praticada pelos nazistas. Como a crueldade era imensurável, os campos de extermínio funcionavam de maneira clandestina, sem que a população e família dos detentos soubessem sobre seu trágico fim. Sendo assim, quando Olga morreu, em seu óbito constava falecimento por insuficiência cardíaca ainda em Ravensbruck.

Carlos Prestes, viria a saber da morte de Olga apenas em 1945, quando foi libertado da prisão, após 10 anos, com a anistia de Getúlio Vargas, desde que apoiasse Vargas em seu governo (Fausto, 2008). Após ser solto e discursar para mais de 60 mil pessoas no estádio do Pacaembu, em São Paulo, Prestes se preparava para retornar ao Rio de Janeiro, quando foi parado por um jornalista dizendo ter notícias de Olga. Prestes feliz com a notícia, recebeu de suas mãos o telegrama, mudando rapidamente de expressão, pois acabara de descobrir, que sua esposa fora assassinada.

Berlim - as autoridades aliadas acabam de informar que entre as duzentas mulheres executadas na câmara de gás da cidade alemã de Bernburg, na Páscoa de 1942, estava a sra. Olga Benário Prestes, esposa do dirigente comunista brasileiro Luís Carlos Prestes (Morais, 2022, p. 297).

Somente muitos anos depois é que Prestes receberia a última carta destinada a ele e sua filha, antes de Olga ser mandada para sua sentença de morte, a data da carta não estava determinada, mas acredita-se que foi na noite da viagem de ônibus até Bernburg.

Queridos: amanhã vou precisar de toda a minha força e de toda a minha vontade. Por isso, não posso pensar nas coisas que me torturam o coração, que são mais caras que a minha própria vida. E por isso me despeço de vocês agora. É totalmente impossível para mim imaginar, filha querida, que não voltarei a ver-te, que nunca mais voltarei a estreitar-te em meus braços ansiosos. Quisera poder pentear-te, fazer-te as tranças - ah, não, elas foram cortadas. Mas te fica melhor o cabelo solto, um pouco desalinhado. Antes de tudo, vou fazer-te forte. Deves andar de sandálias ou descalça, correr ao ar livre comigo. Sua avó, em princípio, não estará muito bem. Deves respeitá-la e querê-la por toda a tua vida, como teu pai e eu fazemos. Todas as manhãs faremos ginástica. Vês? Já volto a sonhar, como tantas noites, e esqueço que esta é a minha carta de despedida. E agora, quando penso nisto de novo, a ideia de que nunca mais poderei estreitar teu corpinho cálido é para mim como a morte.

Carlos, querido, amado meu: terei que renunciar para sempre a tudo de bom que me destes? Conformer-me-ei, mesmo que não pudesse ter-te muito próximo, que teus olhos mais uma vez me olhassem. E queria ver teu sorriso. Quero-os a ambos, tanto, tanto. E estou tão agradecida à vida, por ela haver-me dado ambos. Mas o que eu gostaria era de poder viver um dia feliz, os três juntos, como milhares de vezes imaginei. Será possível que nunca verei o quanto orgulhoso e feliz te sentes por nossa filha?

Querida Anita, meu querido marido, meu Garoto: choro debaixo das mantas para que ninguém me ouça, pois parece que hoje as forças não conseguem alcançar-me para suportar algo tão terrível. É precisamente por isso que me esforço para despedir-me de vocês agora, para não ter que fazê-lo nas últimas e difíceis horas. Depois desta noite, quero viver para este futuro tão breve que me resta. De ti aprendi, querido, o quanto significa a força de vontade, especialmente se emana de fontes como as nossas. Lutei pelo justo, pelo bom e pelo melhor do mundo. Prometo-te agora, ao despedir-me, que até o último instante

não terão por que se envergonhar de mim. Quero que me entendam bem: preparar-me para a morte não significa que me renda, mas sim saber fazer-lhe frente quando ela chegue. Mas, no entanto, podem ainda acontecer tantas coisas. Até o último momento manter-me-ei firme e com vontade de viver. Agora vou dormir para ser mais forte. Beijo-os pela última vez. Olga (Morais, 2022, p. 298).

Olga em todas suas cartas sempre passava a mensagem de que tudo ficaria bem, de que ela mesma estava bem, sempre querendo passar um clima de tranquilidade e esperança para aqueles que liam suas cartas, e em sua despedida não seria diferente. Benário começa sua carta dizendo que precisaria de forças para o que estava por vir a seguir, ela se referia a sua ida a Bernburg, pois sabia que esta seria sua última parada antes de seu eminente fim. Diferente das demais cartas escritas por Olga, em sua despedida não consegue conter sua emoção e deixa transparecer seu temor pelo seu fim, pensando que não conseguiria estar junto de sua família. Olga sempre demonstrou em suas cartas sua preocupação com o bem-estar de sua família, se estavam bem e a salvos.

O final da carta provavelmente o momento mais emocionante dentre todas suas palavras, momento em que ela, em nenhum momento se arrepende ou negue a história de sua própria luta, ainda acreditava, mesmo com as circunstâncias que poderia ser livre, o laço que criara com Carlos Prestes e o amor materno eram inabaláveis, não importasse a distância em que se encontravam:

Lutei pelo justo, pelo bom e pelo melhor do mundo. Prometo-te agora, ao despedir-me, que até o último instante não terão por que se envergonhar de mim. Quero que me entendam bem: preparar-me para a morte não significa que me renda, mas sim saber fazer-lhe frente quando ela chegue. Mas, no entanto, podem ainda acontecer tantas coisas. Até o último momento manter-me-ei firme e com vontade de viver. Agora vou dormir para ser mais forte (Morais, 2022, p. 298).

Por fim, conhecemos Olga Benário de diferentes formas e vertentes, sejam pelas biografias feitas em torno de sua vida, seja a revolucionária alemã estampada nos jornais do Brasil, seja a mãe e amada esposa retratada em suas cartas. Ela foi uma mulher que tinha em si, a força e a resistência para lutar por todos seus princípios e naquilo que acreditava. Encerro refletindo sobre o legado deixado por Olga, sendo uma mulher judia, comunista, que lutou contra governos de torturadores em prol de um mundo livre e menos desigual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por vezes, falar sobre a vida e história de Olga Benário pode parecer um tanto pessoal, me emociona de todas as formas ler a respeito de uma mulher, que, por natureza, sempre foi inferiorizada em toda sua história por combater as atrocidades do mundo “moderno” em pleno século XX, e ela nunca de abateu ou negou sua luta.

Como não se comover com a história de uma mulher que em nenhum momento desistiu de suas convicções, suportando intensos interrogatórios, castigos físicos, a separação de sua própria filha? Tudo em prol de um mundo melhor: “se outros se tornaram traidores, eu jamais o serei” (Prestes, 2017, p. 33). Uma mulher que desde cedo, liderou movimentos contra o fascismo de governantes opressores, enfrentando aqueles que seriam seus maiores perseguidores.

Olga, nunca hesitou diante das grandes adversidades que teve que enfrentar desde o início dos seus anos na militância, manteve-se firme perante o inimigo e solidária com as companheiras que estavam presentes com ela. Ao despedir-se do marido e da filha, antes de ser levada para a morte em 1942, escreveu sua última carta a eles: “Lutei pelo justo, pelo bom e pelo melhor do mundo”; “até o último momento manter-me-ei firme e com vontade de viver” (Moraes, 2022, p. 298). A vida e a luta de Olga, mulher, judia, comunista e internacionalista, não foi em vão; sua coragem e bravura servem de exemplo e inspiração para os jovens de hoje a procura de um mundo melhor, mais justo e humano.

Quem de fato era Olga Benário? Para grande parte da sociedade, em especial no Brasil, uma desconhecida, ou apenas a companheira de Prestes que foi deportada; ainda é difícil responder essa pergunta, principalmente quando falamos em Brasil, porém podemos ver pequenos, mas importantes passos em direção ao futuro deixado por Olga, como o grupo chamado “Movimento de Mulheres Olga Benário”; o grupo tem por objetivo a união de mulheres para lutarem contra a violência, opressão e a exploração da mulher na atual sociedade a que estava submetidas.

Em um momento onde a política se encontra polarizada, e pautas sociais sendo banalizadas, Olga, uma imagem de destaque militante, perpeua ou deveria perpetuar a imagem de uma mulher forte, convicta de seus ideais, incentivando a luta pela liberdade de simplesmente viver. Falar de quem ela era, ou até mesmo deveria representar para nós mulheres, perpassa por um trajeto meio incerto, visto que partimos da ideia do “se”, toda via, a ideia do que ela deveria representar em um país como o Brasil, onde constantemente a mulher é minimizada constantemente. Nas palavras de Anita (2023), ela descreve a força da mãe: “Olga é um exemplo de que é possível resistir contra a repressão e o fascismo. Não era só ela. Nos campos de concentração, naquelas condições assustadoras, terríveis, o pessoal resistia.”

O que mais chama a atenção para a história de Olga, não é somente o seu trágico fim, ela, independente de estar aprisionada em um sistema, não demonstrou fraqueza, e nem perdeu a esperança de sair livre e viver sua vida, não negou qualquer ideal que lutara por anos, seja na

Alemanha, União Soviética ou Brasil, não deixou de perder a esperança e muito menos que suas companheiras de prisão perdessem, lia livros para todas elas, cuidava dos ferimentos, fazendo com que a realidade pudesse ser menos terrível, segundo Sarah Helm (2017). Podemos também traçar um paralelo com a realidade das nossas mulheres, em especial as brasileiras, em sua maioria mães (grande parte sós), trabalhadoras, mulheres, que precisam lutar todos os dias por uma vivência mais justa, igualitária e menos opressora, podemos assim dizer que todas nós somos Olga Benário, pelo menos em alguma semelhança e particularidade.

Sendo assim, o objetivo da autora foi o de mostrar que Olga não é uma mera coadjuvante ou um personagem secundário na história, mas sim uma mulher que detinha todas as circunstâncias desfavoráveis a ela, mulher, alemã, judia, comunista e posteriormente mãe, que a todo momento lutou pela liberdade da sua filha e sua própria, sem fraquejar em momento algum, levando seus ideais consigo até o seu último dia de vida.

- Lutei pelo justo, pelo bom e pelo melhor do mundo”.

(Olga Benario).

FONTES JORNALÍSTICAS

Correio de São Paulo sexta-feira 6 de março de 1936.

Correio da Manhã, sexta-feira, 1 de maio de 1936.

Correio da Manhã, sábado, 29 de agosto de 1936.

Jornal a Pátria, 10 de novembro, 1937.

REFERÊNCIAS

ALVES, Fillipe Gomes de Souza. **NAZISMO E LITERATURA DE TESTEMUNHO: UMA DISCUSSÃO SOBRE O HOLOCAUSTO**. 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/19093/1/NazismoLiteraturaTestemunho.pdf>. Acesso em: 03 set. 2023.

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.

BARCARO, Marcelo. **Olga o Mito**. Brasília, Thesaurus, 2013.

BERTONHA, João Fabio. **Segunda guerra mundial**. São Paulo: Saraiva, 2021.

BEEVOR, Antony. **A Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

BUZZAR, Rita de Cássia. “Olga”. In: STRAUSS, Dieter. **Não Olhe Nos olhos do Inimigo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Trilogia dos Estigmas. In: **Não olhe nos olhos do inimigo: Olga Benário e Anne Frank**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **O caso Olga Benário Prestes: o simbolismo de um pedido de perdão**. 2022. Disponível em: <https://jornal.usp.br/?p=560195>. Acesso em: 08 jan. 2024.

CARON, Giuseppe Rafael. **Discursos de Benito Mussolini: Permanências e Mudanças (1919-1922)**. 2015. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/12876/1/Giuseppe%20Rafael%20Caron.pdf>. Acesso em: 02 set. 2023.

CAVALCANTE, Ania. **Uma vida contra a opressão e a injustiça**. 2008. Disponível em: <https://www.usp.br/jorusp/arquivo/2008/jusp822/pag12.htm>. Acesso em: 15 fev. 2024.

DEMOCRACIA, Memorial da. **POLÍCIA PRENDE NO RIO LUÍS CARLOS PRESTES**. Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/luis-carlos-prestes-e-sua-mulher-sao-presos>. Acesso em: 12 jan. 2023.

EVANS, Richard J. **A chegada do Terceiro Reich**. São Paulo: Planeta, 2016, p. 104.

FAUSTO, Boris. **História Concisa do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2015.

FRESU, Gianni. **Nas trincheiras do ocidente**: lições sobre fascismo e antifascismo. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2017.

GODOY, Arnaldo Sampaio de Moraes. **O pedido de Habeas Corpus de Olga Benário Prestes**. 2012. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2012-dez-30/embargos-culturais-pedido-habeas-corpus-olga-benario-prestes/>. Acesso em: 12 fev. 2024.

GONÇALVES, Marcos. **Mussolini e a ascensão do fascismo**. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/QrrSyHQRm69t8Cmv7kncnHC/>. Acesso em: 01 ago. 2023.

HELM, Sarah. **Ravensbrück: A história do campo de concentração nazista para mulheres**. Rio de Janeiro: Record, 2017.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos**: o breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JINKINGS, Ivana. **Prestes, Luís Carlos**. 1990. Disponível em: <https://sites.usp.br/portalatinoamericano/espanol-prestes-luiz-carlos>. Acesso em: 28 dez. 2023.

LIMA, Cristiana Costa. **Resistir é preciso!** Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/10574/6196>. Acesso em: 20 ago. 2023.

MORAIS, Fernando. **Olga**. 19. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Batalhas em torno do mito: Luís Carlos Prestes**. 2004. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2223/1362>. Acesso em: 18 dez. 2023.

NICODEMOS, Carlos Eduardo. **Gramsci e o fascismo: uma análise conceitual a partir dos Cadernos do Cárcere de Antonio Gramsci**. 2021. Disponível em: [file:///C:/Users/usuario/Downloads/intellectusagens,+Gramsci+e+o+fascismo+uma+an%C3%A1lise+conceitual+a+partir+dos+Cadernos+do+C%C3%A1rcere+de+Antonio+Gramsci+formatado%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/usuario/Downloads/intellectusagens,+Gramsci+e+o+fascismo+uma+an%C3%A1lise+conceitual+a+partir+dos+Cadernos+do+C%C3%A1rcere+de+Antonio+Gramsci+formatado%20(1).pdf). Acesso em: 01 ago. 2023.

PAXTON, Robert O. **A Anatomia do Fascismo**. 2007. Disponível em: <https://dagobah.com.br/wp-content/uploads/2016/09/PAXTON-Robert.-A-Anatomia-do-Fascismo-1.pdf>. Acesso em: 01 set. 2023.

PANDOLFI, Dulce Chaves. **A Aliança Nacional Libertadora e a Revolta Comunista de 1935**. In: Getúlio Vargas e seu tempo. Rio de Janeiro: Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, 2004.

PEDRO, Antonio. **A Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Atual, 1987.

PRESTES, Anita Leocadia. **Olga Benario Prestes: uma comunista nos arquivos da Gestapo**. São Paulo, Boitempo, 2017.

PRESTES, Anita Leocadia. **70 anos da aliança nacional libertadora (ANL)**. Disponível em: <https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/handle/1408/11976>. Acesso em: 26 de dez. 2023.

PRESTES, Anita Leocadia. **Uma epopeia brasileira: A Coluna Prestes**. São Paulo: Moderna, 1995.

PRESTES, Anita Leocadia. **Victor Allen Barron: heroico comunista norte-americano assassinado pela polícia de Filinto Müller em 1936**. 2019. Disponível em: <https://www.ilcp.org.br/prestes/images/stories/VICTOR.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2024.

PRESTES, Anita Leocádia. **Olga Benário Prestes: um exemplo para os jovens de hoje!** 2011. Disponível em: https://www.ilcp.org.br/prestes/index.php?option=com_content&view=article&id=170:olga-

PRESTES, Luiz Carlos. **Manifesto de 5 de julho da Aliança Nacional Libertadora**. In: BOGO, Ademar(org.) Teoria da Organização Política. vol. II. São Paulo: Expressão Popular, 2006, p. 84.

PONTES, Matheus de Mesquita e. **Luiz Carlos Prestes e Olga Benario: construções identitárias através da história e da literatura**. 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/16546>. Acesso em: 22 dez. 2023.

REIS FILHO, Daniel Aarão. **O Século XX: O Tempo das Crises - Coleção História**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. 2 v.

SANTOS, Robério Honorato dos. **HANNAH ARENDT: O ANTISSEMITISMO IDEOLÓGICO E A RACIONALIDADE TOTALITÁRIA HANNAH ARENDT: IDEOLOGICAL ANTISEMITISM AND TOTALITARIAN RATIONALITY**. 2021. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/peri/article/view/4686/3767>. Acesso em: 5 maio 2024.

SERPA, Maria Valquíria Faria. **A constituição identitária de Olga Benário: uma abordagem pragmática**. 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/15327/1/Maria%20Valquiria.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2023

SILVA, Marilaine Guilherme. **O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE: imagens e tecnologias como recursos pedagógicos na aprendizagem de história. IMAGENS E TECNOLOGIAS COMO RECURSOS PEDAGÓGICOS NA APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA**. 2008. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2008_uem_hist_artigo_marilaine_guilherme_silva.pdf. Acesso em: 05 set. 2023.

SILVA, Leopoldo Leal Martins da; FRANCISCO, Gabriela Hahn; DOMINGOS, Charles Sidarta Machado. **A repercussão da deportação de Olga Benário na imprensa brasileira**. 2017. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:uHBSrllNv6sJ:https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/download/5773/pdf/18879&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 12 jan. 2023.

SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloisa M. **Brasil: Uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

WERNER, Ruth. **Olga Benário: a história de uma mulher corajosa**. São Paulo: Alfa Omega, 1989.